



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

NALYANE LEITE RAMOS

**ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO LETRAMENTO:
Desafios das professoras do 1º ano da EMEF Pe. José de Anchieta,
em Itaituba-PA**

Itaituba – PA

2020

NALYANE LEITE RAMOS

**ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO LETRAMENTO:
Desafios das professoras do 1º ano da EMEF Pe. José de Anchieta,
em Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de
Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do
título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:
Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

Itaituba – PA

2020

RAMOS, Nalyane Leite.

ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO LETRAMENTO: Desafios das professoras do 1º ano da EMEF Pe. José de Anchieta, em Itaituba-PA /
NALYANE LEITE RAMOS - Itaituba: CLPP da FAI, 2020.

74 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2020.

Orientadora: Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Me.

1. Alfabetização e Letramento. 2. 1º ano do Ensino Fundamental. I. RIBEIRO, Elina. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR-PA, 2020.

NALYANE LEITE RAMOS

**ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO LETRAMENTO:
Desafios das professoras do 1º ano da EMEF Pe. José de Anchieta,
em Itaituba-PA**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Profª Lúcia Maria Costa Cruz, Esp.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Profª Antonia Vanda dos Santos Leite, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 14 de março de 2020.

A minha mãe, Rilda Lúcia Leite Ramos (in memorian) e prima, Ana Porto, que foi minha inspiração para ingressar à graduação; ao meu esposo, Odailson José Lima dos Santos, minhas amigas Diana de Almeida Oliveira, Joice Santos Moreira Rodrigues e Larice Nunes pelo auxílio para concluir este TCC; a meu pai, Neuton Mendonça Ramos Filho, pelo apoio e carinho, pois sem ele esse sonho não se concretizaria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por me proporcionar essa jornada durante quatro anos, dando sabedoria e iluminando meus passos para os caminhos certos, possibilitando chegar ao fim de mais uma etapa de minha vida.

A minha família, em especial meu pai, **Neuton Mendonça Ramos Filho**, minha avó, **Hilda Carvalho de Souza Ramos** (*in memoriam*), meu querido esposo, **Odailson José Lima dos Santos**; minha madrastra, **Roseane da Conceição**; as minhas tias, em especial tia, **Valdiná Carvalho Ramos** e **Áurea Rosenilda Gomes Lopes**; aos meus sogros, **Irene Lima dos Santos** e **Manoel Josias dos Santos**, pelo apoio no percurso da graduação.

As minhas amigas de turma, **Joice Santos Moreira Rodrigues**, **Joyce Kamielle Alves Portugal**, **Larice Nunes** e **Diana de Almeida Oliveira**, que proporcionaram sua amizade e incentivo, e principalmente pelo espírito de cooperação, auxiliando para concluir este projeto.

A minha Professora e orientadora, Mestra **Elina Renilde de Oliveira Ribeiro**, pelas orientações e o suporte sempre que necessário.

Às professoras do 1º ano da E.M.E.F Padre José de Anchieta, que colaboraram para essa pesquisa, em especial, à profª **Francinete Silva e Silva**, pela sua dedicação em prol da educação, sendo fonte de inspiração.

Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo; se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices mais reveladores da qualidade de nossa educação. Este é um esforço que deve começar na Escola Infantil, intensificar-se no período de alfabetização e continuar sem jamais parar (FREIRE, 2000 apud BITTENCOURT et al, 2015, p. 09).

RESUMO

Esta pesquisa aborda sobre a alfabetização e o letramento, e os desafios enfrentados pelos professores, que se acirram por conta dos avanços tecnológicos e a responsabilidade que são impostas ao educador. Sendo notório esse desafio a partir da chegada do aluno ao ensino fundamental, percebendo que seu aprendizado não está adequado para um aluno do 1º ano. O objetivo deste estudo é analisar como acontece a prática da alfabetização no contexto do letramento e os desafios das professoras do 1º ano do ensino fundamental, compreendendo a importância do uso das práticas sociais no contexto escolar, já que a criança nessa fase tem que aprimorar e ampliar os conhecimentos que possui, trazidos de vivências do cotidiano familiar e do contexto da educação infantil. À vista disso, a metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica, tendo como principais autores, Bittencourt *et al* (2015), Soares (2004), Frade (2005), Rojo (2012), Brasil (2018) e Pará (2019), dentre outros. Também efetuou-se uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, com a observação participante. Foi realizada uma entrevista com as duas professoras do 1º ano da EMEF Pe. José de Anchieta, em Itaituba-PA. Desse modo, foi possível concluir que as professoras buscam meio de superar seus desafios, refletindo sobre sua prática em sala de aula e reconhecendo a necessidade de formação continuada com o foco para alfabetização, visto que o trabalho da escola e família tem que ser em conjunto, com vistas a melhorar o percurso educativo das crianças nesse ciclo de alfabetização.

Palavras-Chave: Alfabetização. Letramento. 1º ano do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This research addresses literacy and literacy, and the challenges faced by teachers, which are heightened by technological advances and the responsibility that are imposed on the educator. This challenge is notorious from the student's arrival at elementary school, realizing that his learning is not suitable for a 1st year student. The objective of this study is to analyze how literacy practice occurs in the context of literacy and the challenges faced by teachers in the 1st year of elementary school, understanding the importance of using social practices in the school context, since the child in this phase has to improve and expand the knowledge it has, brought from everyday family experiences and the context of early childhood education. In view of this, the methodology used was a bibliographic search, having as main authors, Bittencourt et al (2015), Soares (2004), Frade (2005), Rojo (2012), Brazil (2018) and Pará (2019), among others. A field research with a qualitative approach was also carried out, with participant observation. An interview was conducted with the two teachers of the 1st year of EMEF Fr. José de Anchieta, in Itaituba-PA. Thus, it was possible to conclude that teachers are looking for ways to overcome their challenges, reflecting on their practice in the classroom and recognizing the need for continuing education with a focus on literacy, since the work of the school and family has to be together , with a view to improving the educational path of children in this literacy cycle.

Keywords: Literacy. Literacy. 1st year of Elementary School.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Perfil das entrevistadas.....	50
Quadro 2. Concepções de Alfabetização e Letramento.....	53
Quadro 3. Você contempla a ludicidade no seu planejamento?.....	54
Quadro 4. Com que frequência a literatura é utilizada no processo de letramento?....	55
Quadro 5. Recursos metodológicos para a prática do letramento.....	56
Quadro 6. Você faz a diagnose da turma?.....	57
Quadro 7. Utilização de textos diferenciados no processo de alfabetização e letramento.....	59
Quadro 8. Rotina escolar na prática do letramento.....	60
Quadro 9. Como é trabalhada a oralidade do educando?.....	60
Quadro 10. Contribuição da formação continuada.....	61

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Frente da E.M.E.F Pe. José de Anchieta.....	51
Figura 2. Biblioteca.....	52
Figura 3. Professora ministrando aula com auxílio do livro didático.....	56
Figura 4. Professora ministrando aula com atividades feitas em grupo.....	59
Figura 5. Alunos socializando através dos livros de receita.....	63
Figura 6. Ilustração do conto produzido.....	63

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNE	Plano Nacional de Educação
PRP	Programa Residência Pedagógica
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CICLO	14
1.1 O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: MARCOS LEGAIS	14
1.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS	20
1.3 O QUE DIZ A BNCC?	27
2 MULTILETRAMENTOS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO	32
2.1 COMPREENSÃO DA LEITURA E ESCRITA NO CICLO	32
2.2 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	38
2.3 MULTILETRAMENTOS: DESAFIOS DO PROFESSOR	44
3 ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO LETRAMENTO: DESAFIOS DAS PROFESSORAS DE 1º ANO DA EMEF PE. JOSÉ DE ANCHIETA, EM ITAITUBA-PA	50
3.1 METODOLOGIA DO ESTUDO	50
3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA	52
3.3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DAS PROFESSORAS	54
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66

REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICE.....	73

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita fazem parte da formação cultural de cada indivíduo, pois por meio delas há o estímulo da imaginação, à medida que proporciona descobertas e amplia o conhecimento enriquecendo o vocabulário. Entretanto, muitas são as mudanças que ocorrem no âmbito do processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais e, conseqüentemente, os desafios do professor alfabetizador se acirram, por conta dos avanços tecnológicos e a responsabilidade que são impostas ao educador.

O objetivo deste estudo é analisar como acontece a prática da alfabetização no contexto do letramento e os desafios dos professores de 1º ano do ensino fundamental, compreendendo a importância do uso das práticas sociais no contexto escolar, já que a criança nessa fase tem que aprimorar e ampliar os conhecimentos que possui, trazidos de vivências do cotidiano familiar e escolar.

Como já justificado, é notório os desafios que se impõe ao professor alfabetizador, que inicia com a chegada do aluno ao ensino fundamental, onde ocorre uma dificuldade de adaptação. Outras questões se apresentam nesse cenário de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental, como por exemplo, o aprendizado da criança não está adequado para um aluno de 1º ano, e

as vezes, o docente não tem as habilidades necessárias para trabalhar os conteúdos exigidos para dar continuidade no percurso educativo.

Diante disso, as questões de pesquisa que direcionaram este estudo foram: As habilidades e competências exigidas para os alunos de ensino fundamental estão sendo desenvolvidas nas escolas públicas? Os professores alfabetizadores sentem-se preparados para atuar no processo de alfabetização e letramento nas turmas de 1º ano? Quais estratégias metodológicas são utilizadas na prática de letramento com as crianças do 1º ano do ensino fundamental? Que dificuldades se apresentam ao professor no processo de alfabetização e letramento?

Este estudo teve um levantamento bibliográfico, com base em alguns autores como, Bittencourt *et al* (2015), Soares (2004), Frade (2005), Rojo (2012), Brasil (2018) e Pará (2019), dentre outros. Foi realizado uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, e contando com a observação participante, e a realização de uma entrevista com as professoras que atuam no 1º ano da EMEF Pe. José de Anchieta, em Itaituba-PA.

Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo aborda sobre alfabetização e letramento no ciclo embasado em autores que conceituam alfabetização e letramento, destacando a temática a partir da BNCC.

O segundo capítulo trata do multiletramento e a compreensão leitora no ciclo de alfabetização enfatizando os conceitos dos métodos de alfabetização, bem como os desafios dos professores nesse processo.

Por sua vez, o terceiro capítulo, destaca o procedimento metodológico e contextualização do local da pesquisa, assim como a análise dos dados da pesquisa efetuada com as professoras, tratando sobre a temática da alfabetização e letramento e suas práticas educativas e, por fim, uma proposta de intervenção.

1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CICLO

1.1 O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO: MARCOS LEGAIS

Os três primeiros anos do ensino fundamental foram destinados para alfabetização e letramentos das crianças, isso se deu pela mudança do ensino fundamental para nove anos. O ciclo de alfabetização compreende os três primeiros anos do ensino fundamental, no qual a criança deve sair alfabetizada, ou seja, dos seis aos oito anos de idade encerrando esse ciclo de alfabetização, para que no decorrer da trajetória escolar seu desempenho não seja prejudicado (FERREIRA; NÖRNBERG; ALVES, 2017).

[...] Assim, os três primeiros anos escolares foram definidos como Ciclo da Infância, um tempo de alfabetização no qual o primeiro ano é de introdução à leitura e à escrita, e o segundo e o terceiro, de aprofundamento e consolidação do processo de alfabetização, de modo que todas as crianças aos oito anos de idade sejam capazes de ler e escrever textos com desenvoltura (SCHAFASCHECK; SCHMIDT, 2018, p. 21).

Nesse contexto, ampliou o ciclo de alfabetização em busca de êxito escolar, preparando-os para a educação básica almejando a redução do fracasso nos anos seguintes de escolarização. Assim, os pressupostos de aprendizagem “[...] devem

estar presentes em todas as reflexões atualmente desenvolvidas em torno da aprendizagem e do ensino da alfabetização, orientando o trabalho docente na escolha de conteúdos” (BRASIL, 2008, p. 09).

Parecer CNE/CEB Nº 4/2008, de 20 de fevereiro, propõe a reformulação do ensino fundamental para 9 anos. Com isso, a educação infantil também foi reformulada passando a atender crianças de 4 e 5 anos de idade, e os projetos político-pedagógicos das escolas foram adequados para esse novo ensino fundamental.

Desse modo, foi instaurado no âmbito da educação brasileira, um projeto do pró letramento para ajudar os professores alfabetizar crianças a partir dos seis anos, pois os municípios e estados estavam ampliando o ensino fundamental. Essa proposta contempla os três primeiros anos do ensino fundamental, assim concluindo o ciclo que abrange até a faixa etária de 8 anos de idade da criança, em que os estudantes saiam sabendo ler e escrever.

Nesse cenário de mudanças, as crianças devem ser alfabetizadas até os 8 anos de idade e para isso acontecer, de forma eficaz, foi implantado o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, que visava preparar os professores alfabetizadores para ampliar suas metodologias, utilizando uma abordagem interdisciplinar, com a intenção de alfabetizar na perspectiva do letramento. Esse programa surge para garantir que todas as crianças sejam alfabetizadas no final do 3º ano do ensino fundamental, pois muitas estavam saindo desse ciclo sem estarem alfabetizadas (BRASIL, 2015).

Nesse viés, Freitas (2003, p. 09) retrata que os ciclos são uma forma de organizar o ensino das crianças na escolarização, pois facilita a avaliação para alcançar os objetivos do ensino e aprendizagem. Ao trabalhar dessa maneira no ato de formar turmas, as crianças ali presentes serão da mesma faixa etária de idade o que facilita na troca de experiência no espaço de aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9394/96 enfatiza que o ensino fundamental seja dividido em ciclos, e a partir de 6 anos de idade a criança começa a fase de alfabetização, no qual a cada 2 anos se inicia um novo ciclo. O Ensino Fundamental com duração de 9 anos decorre de uma educação gratuita presente nas escolas públicas, formando o indivíduo para ser cidadão que saiba seus direitos e deveres na sociedade.

A LDB menciona ainda no parágrafo 2º que, “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social”. A escola existe para qualificar o indivíduo para o mercado de trabalho, pois a educação deve estar de acordo com a realidade em que se vive nos dias atuais, já que a escola vai além do ensinar a ler escrever, ou seja, busca formar profissionais de qualidade para o mercado de trabalho visando o crescimento econômico, social e político.

A lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005, altera os arts. 6º, 32º e 87º da LDB 9.394/1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. É importante salientar que a lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, normatizou o ensino fundamental ampliando para 9 anos, sendo uma das metas impostas e alcançada da política nacional de educação, com o prazo de ser almejada até 2010.

Nesse contexto, é obrigatório que aos seis anos de idade a criança comece o 1º ano do ensino fundamental, no qual é matriculada tendo seis anos completos, dessa forma alterando a LDB de 1996. Houve também a alteração curricular que atenda suas características de acordo com a faixa etária de idade. Conforme o Parecer CNE/CEB nº 12/2010, o Ensino Fundamental de nove anos, “exige uma proposta pedagógica própria, para ser desenvolvida em cada escola” (BRASIL, 2010).

A Lei nº 13.005/2014 veio com o propósito de aprovar o novo Plano Nacional de Educação – PNE (2014-2024), e assegurar alguns direitos em busca de qualidade profissional para os atuantes na área da educação e melhorias educacionais, entre elas, a erradicação do analfabetismo que busca alfabetizar as crianças no máximo até o terceiro ano do ensino fundamental.

A LDB juntamente com o Conselho Nacional de Educação (CNE), trata da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) conforme Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017, mencionando que a educação básica deve ter um currículo comum que assegure a formação dos estudantes preparando-os para sua vida pessoal e qualificação no mercado de trabalho. “Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular, a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p. 01).

Para tentar alcançar esses objetivos deve-se investir na capacitação profissional dos professores e sua valorização profissional e com auxílio do

acompanhamento pedagógico que é de fundamental importância para o desenvolvimento educacional dos alunos, deixando claro a instauração do ensino fundamental de 9 anos para a população de 6 a 14 anos de idade para que conclua na faixa etária certa. E essas mudanças foram feitas na LDB sendo mantida na PNE e garantida na lei (BRASIL, 2014).

Durante o processo de educação da criança, a partir dos seis anos de idade, cabe ao professor trabalhar na sala de aula noções básicas relacionadas ao desenvolvimento da leitura, escrita e cálculos, fazendo com que a criança compreenda a realidade por intermédio das questões sociais e natural do ambiente dando ênfase aos valores éticos e sociais. Destaca também o uso da tecnologia no ambiente escolar que favorece o ensino e aprendizagem dos alunos e facilita a compreensão e o trabalho do professor em sala de aula (BRASIL, 2018).

Por outro lado, de acordo com a BNCC, os dois primeiros anos do ensino fundamental são considerados como foco para o processo de alfabetização das crianças na qual serão trabalhadas ações pedagógicas voltada para o sistema da leitura e escrita. Essa faixa etária é caracterizada pelo manifesto dos interesses adquiridos na educação infantil que no ensino fundamental serão aprimorados, ampliando o repertório da compreensão da realidade vivida.

Nesse período de escolarização é importante analisar o histórico escolar do aluno na educação infantil para que seja respeitado a singularidade de cada etapa, de modo que haja uma interação na adaptação tanto dos discentes quanto dos docentes, levando em consideração o conhecimento já adquirido para que haja uma continuação no processo educativo das crianças (BRASIL, 2018).

Um dos principais pontos trazidos pela BNCC nesse sentido são as orientações para a educação infantil, com a definição de direitos de aprendizagem específicos para a etapa, ancorados nas competências gerais que regem todo o documento, além da antecipação da alfabetização para o final do 2º ano de escolaridade do Ensino Fundamental (BORTOLANZA; GOULART; CABRAL, 2018, p. 961).

A nível nacional, o ciclo de alfabetização corresponde ao primeiro e segundo ano do ensino fundamental, a criança o inicia aos seis anos de idades e finaliza aos sete anos de idade, essa antecipação veio na tentativa de igualar algumas práticas já exercida nas escolas particulares. O objetivo dessa ação é a busca de um melhor desempenho e padronização dos currículos escolares das escolas públicas,

preparando os estudantes para competirem nas mesmas condições em testes padronizados.

Por esse motivo, os principais pontos se dá pela ampliação das orientações da educação infantil, no qual se inicia vida escolar da criança e a partir dela trabalhar as experiências vivenciadas nesse período para melhor compreensão e desenvolvimento das habilidades e competências e assim alcançar as metas propostas pela educação.

Tendo em mente os aspectos acima discutidos, destaca-se que, “A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças” (BRASIL, 2018, p. 49). Necessita-se de estratégias de acolhimento para uma socialização eficiente e eficaz, para dar continuidade nesse percurso educativo, no qual o professor construa um equilíbrio nessa nova etapa em que o educando se adapte, desenvolvendo a autonomia e suas múltiplas linguagens incluindo o uso social na cultura letrada.

O Documento Curricular do Estado do Pará (PARÁ, 2019) traz em seu bojo orientações a respeito da educação infantil e ensino fundamental, organizando o currículo em ciclos de aprendizagem, dessa forma planeja e orienta o que cada aluno vai aprender auxiliando o professor e os demais nesse processo de aprendizagem.

A organização do ensino fundamental serve para garantir que os alunos aprendam em seu ritmo conforme sua idade, tendo a aprendizagem como foco central, em que o professor apoia sua prática pedagógica, assim focados no que os estudantes devem aprender e em busca dos métodos e atividades adequadas para faixa etária, tornando o ensino significativo. Entretanto, cada sujeito tem sua forma de aprender a proposta e nivelar o máximo o ensino e aprendizagem que é necessário nessa trajetória escolar (PARÁ, 2019).

Nessa perspectiva, a estrutura proposta neste documento, a partir de Eixos Estruturantes, subeixos e objetivos de aprendizagem cujo teor está vinculado ao desenvolvimento de habilidades e competências, busca a consolidação de aprendizagens essenciais e a ampliação dos conhecimentos teóricos e das práticas artísticas fortalecendo a autonomia dos estudantes ao longo dos anos do Ensino Fundamental (PARÁ, 2019, p. 203).

O ciclo de alfabetização no Estado do Pará compreende o primeiro, segundo e terceiro ano do ensino fundamental levando os conceitos básicos de aspectos cultural, sociais, geográfico e políticos, dentre outros. São divididas as competências e habilidades conforme cada ciclo de formação, os eixos são desdobrados em subeixos para atingir o objetivo da aprendizagem, sendo que o primeiro ciclo compreende os três primeiros anos iniciais do ensino fundamental.

No desenvolvimento desses eixos são levados em consideração os saberes populares e científicos, o que traz uma reflexão sobre as metodologias que devem ser aplicadas e como aplicá-las para que a compreensão seja contextualizada com a realidade que o indivíduo se encontra. Devendo atender as demandas das mudanças históricas do espaço e tempo em que se vive atualmente.

No contexto das ideias acima expostas, os temas dos eixos permitem a compreensão do sujeito e a importância dos usos dos saberes que são construídos ao longo da herança cultural local e regional. Assim, amplia a comunicação para contribuir na mudança da realidade de um aprendiz, valorizando os conhecimentos prévios que corrobora na progressão de uma educação significativa e de qualidade (PARÁ, 2019).

Dentre esses postulados, percebe-se que a organização de ciclo de alfabetização se faz necessário, visto que é um período que a criança deve ser alfabetizada. Levando em consideração a faixa etária de idade e a organização da aprendizagem, conforme o ritmo da aquisição dos conhecimentos da leitura e escrita, que são pré-estabelecidos no currículo pedagógico, no qual o objetivo é a aprendizagem, sendo elaborados métodos, atividades e conteúdo para um estudo significativo.

Os ciclos oferecem uma ampliação melhor dos conhecimentos para cada fase de escolarização, sendo mais flexíveis para que atenda a necessidade de cada aluno, assim consolidando as aprendizagens anteriores (PARÁ, 2019).

O eixo formação continuada presencial para professores alfabetizadores e seus orientadores de estudo tem como objetivo ampliar as discussões sobre a alfabetização, na perspectiva do letramento, no que tange a questões pedagógicas das diversas áreas do conhecimento em uma perspectiva interdisciplinar, bem como sobre princípios de gestão e organização do ciclo de alfabetização. Trata-se, portanto, de apresentar encaminhamentos metodológicos que possibilitem o desenvolvimento dos direitos de aprendizagem dentro do ciclo de alfabetização (BRASIL, 2015, p. 22).

A formação do professor para esse ciclo de alfabetização também é um ponto importante, possibilitando o docente utilizar os métodos adequados com os alunos nessa fase de alfabetização no contexto do letramento. Alguns materiais didáticos que devem ser trabalhados nesse ciclo são os jogos e tecnologia educacionais, obras literárias e o livro didático, além de, promover a utilização de novos materiais que contribuam para o aprendizado do alunado nas diversas disciplinas educacionais. Dessa forma, organiza-se as competências que as crianças no ciclo de alfabetização devem adquirir e ampliar o repertório de seus conhecimentos, que serão aplicados na trajetória escolar e na sua vida pessoal.

Conforme anteriormente referido, nota-se que o ciclo de alfabetização tem como objetivo estruturar a compreensão da criança para ler e escrever com autonomia nos diversos contextos sociais, na busca do êxito escolar. Bem como existe a necessidade de organizar o ensino e aprendizagem do ciclo, para que as crianças desenvolvam os conhecimentos necessários nesse período, além de, promover as intervenções que asseguram os resultados positivos para a alfabetização.

Para que isso ocorra é importante criar textos significativos, que trabalhem as temáticas de interesse que amplie o mundo da escrita, empregando texto do cotidiano e os que precisam conhecer, sem perder o foco dos conteúdos propostos pelo currículo pedagógico. Desse modo, pode ocorrer a compreensão, valorização cultura a apropriação da escrita, a produção de textos, leitura e o desenvolvimento da oralidade. Essas capacidades linguísticas garantem a educação integral da criança, daí a relevância da organização de aprendizagem no ciclo.

1.2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ASPECTOS CONCEITUAIS

A alfabetização vem ser um processo de aquisição da escrita alfabética e ortográfica que tem várias especificidades, porém esse processo está interligado ao letramento envolvendo a língua escrita com as práticas sociais, ou seja, em decorrência da alfabetização se desenvolve o letramento. São dois processos que se complementam, em que a criança aprende de forma natural quando entra em contato com o sistema alfabético e ortográfico e consequentemente, utilizando no contexto das práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2003).

A alfabetização possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social (FREIRE, 2000 *apud* LIMA, 2007, p. 210).

Neste contexto, a alfabetização está intrinsecamente atrelada ao letramento quando o autor menciona que a leitura é um instrumento que possibilita a criança entender o que existe em seu redor, sendo que a leitura não é só aquela que vimos em livros, mas também aquela que temos ao observar nossa realidade e o cotidiano de nossa vida.

Daí percebe-se que, a alfabetização e letramento estão juntas e uma completa o outra, posto que a decodificação da leitura e escrita gráficas não são o suficiente para alfabetizar uma criança, deve se unir com as práticas sociais desenvolvendo a habilidades de ler e escrever para compreender a realidade de mundo.

Freire (1992) ainda ressalta que a alfabetização não pode ser neutra, constatando o conhecimento da aquisição da linguagem e sua natureza social com maior significância, fazendo absorver o que foi falado, escutado, lido e escrito na realidade que o indivíduo está inserido.

[...] Uma ideia bastante arraigada em alfabetização inicial orienta a organização das atividades de leitura e escrita de uma perspectiva sequencial e aditiva: primeiro a palavra e depois o texto, primeiro ler e depois escrever. No caso dos textos, há uma ideia de que a dificuldade está em relação com comprimento: as palavras, as frases e os textos preferencialmente curtos [...]
(TEBEROSKY; RIBERA, 2004, p. 69).

Sob esse viés, as autoras destacam que a alfabetização é uma organização da escrita e leitura, que muitas vezes segue um modelo equivocado de que a criança deve aprender primeiramente a ler as palavras soltas para depois escrever textos. Esquecendo que a alfabetização começa no âmbito familiar, ocorrendo um comprometimento na aprendizagem, dado que esse processo deve ser significativo e realizado em diferentes contextos sociais.

De acordo com Ferreiro (2011), a alfabetização consiste na apropriação da escrita podendo ser representada por um código gráfico emitido pelos sons das palavras ou uma representação de linguagem, no qual ambas possuem diferenças, pois nem tudo que se escreve tem o mesmo som de quando se fala. Uma vez que a escrita é um sistema de representação e não de codificação, por esse motivo as

crianças tem dificuldades de entender o sistema escrito devido sua natureza complexa.

Para se apropriar do sistema alfabético, necessita-se compreender o funcionamento desse sistema e descobrir que a escrita são partes de sons das palavras oralizadas em contextos sociais diferentes, Albuquerque (2007, p. 11) afirma que “a alfabetização considerada como o ensino das habilidades de ‘codificação’ e ‘decodificação’ [...]”. Ainda ressalta que o letramento está associado a alfabetização, pois o letramento ocorrer quando a prática da escrita e da leitura são usadas nos diferentes contextos de comunicação sendo utilizada na escola e fora dela.

Nessa perspectiva, Santos (2007) menciona que, a alfabetização é a prática da leitura e escrita presenciadas na sociedade e leitura ampla de mundo. É quando se encaixa o letramento uma leitura que vai além do processo da linguagem escrita, que com passar dos anos, quando chega a escolarização, esse processo sofre alteração devidos seus conteúdos serem selecionados, utilizando materiais específicos substituindo aqueles que eram utilizados no cotidiano da vida das pessoas.

“Letramento” é um termo relativamente recente, visto que surgiu há cerca de 30 anos, e nomeia o conjunto de práticas sociais de uso da escrita em diversos contextos socioculturais. Tais práticas de letramento sempre existiram nas sociedades letradas, ou seja, nas sociedades que fazem uso da escrita (MENDONÇA, 2007, p. 46).

O autor aponta que o letramento é o conjunto das práticas sociais desenvolvidas pela escrita, esse processo sempre existiu na sociedade, mas passou a ter definição a partir de estudos sobre tal temática. Seu conceito é mais amplo que a alfabetização, em razão da leitura e escrita em diversas conjunturas da nossa vida, na qual a escrita não se faz separadamente das práticas sociais devido a interação entre leitura e escrita ou pessoas alfabetizadas e não alfabetizadas.

Alfabetizado não é apenas aquele que aprendeu a ler e escrever, decodificando signos gráficos, é adquirir novos conhecimentos de mundo, reconhecendo a realidade e dos outros que nos cercam, por meio dela desenvolver habilidades que se mescla com esse processo. Ler e escrever são práticas culturais que o sujeito adquirir partindo de sua realidade. Ocorrendo um processo de

comunicação e linguagem, ou seja, saber compreender, analisar e produzir textos em diversos contextos de uso comum ou específico (FRANGO, 1993).

Nesse sentido, Leal (2007) expõe uma proposta de alfabetizar letrando decorrente de sua complexidade. Primeiramente, o aluno apropria-se do sistema alfabético para compreender o seu funcionamento e produzir diversos gêneros escritos e orais, conciliando a escrita com a produção de textos no que será desenvolvido noções básicas de leitura e construções textuais.

Apesar de alfabetização e letramento serem conceitos diferentes, estão ligados, pelo fato de que o processo da escrita e leitura ao serem compreendidos em seus usos sociais, a aprendizagem torna-se significativa. Usar a escrita como função social por intermédio de situações reais do cotidiano de uma criança é construir o ensino e aprendizagem pautado na alfabetização na perspectiva do letramento.

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 98).

O ato de alfabetizar é um desafio em que o professor deve ensinar os seus alunos a compreender e reconhecer o alfabeto tanto na escrita quanto oralmente. Russo (2012, p. 108) afirma que, “alfabetizar não pressupõe um processo mecânico de memorização de sílabas, mas implica entender o que se lê e escrever o que se quer [...]”. Desse modo, percebe-se que a alfabetização é um processo adquirido por meio do reconhecimento das sílabas e o som que ela produz, ao entender esse processo o indivíduo consegue ler e escrever aquilo que lhe foi proposto.

O processo de alfabetização está inter-relacionado com o letramento, já que os dois possuem papéis fundamentais na aprendizagem da leitura e produção de textos. Possibilita, dessa forma, aliar a aprendizagem significativa, pois a alfabetização está ligada à linguagem escrita e o letramento faz o uso dela em diferentes esferas sociais, de modo que a criança aprenda a diferença entre a oralidade e a escrita da língua, sabendo utilizá-las em seu dia a dia (GOULART, 2006).

Um ambiente alfabetizado pode ser também alfabetizador no sentido de fornecer elementos que desafiem o sujeito a pensar sobre a língua escrita como sistema de representação de significados contextuais. Esse ambiente

pode mediar a relação entre sujeito que aprende e a língua escrita, enquanto conhecimento a ser apreendido. E esse conhecimento pode levar o sujeito a ampliar, revisar e até transcender a leitura original que fazia do seu contexto (MOLL,1996, p. 69).

Percebendo então, que a alfabetização não é apenas a codificação e decodificação do sistema da escrita, tem um sentido mais amplo ocorrendo por meio dela o conhecimento de mundo. Todavia, a linguagem escrita quando é compreendida faz com que o sujeito entenda esse processo conforme seu tempo e contexto que se encontra inserido.

Segundo Mortatti (2004), alfabetização é a aquisição da linguagem escrita, e ao saber utilizar a leitura e escrita nas exigências sociais e de onde vem resulta o letramento. Relacionando os termos, a alfabetização seria um processo e o letramento uma prática em que ambos ampliaram os conceitos de ler e escrever. Ainda ressalta que o termo alfabetização sofreu várias alterações ao longo dos anos, até ser definido como um amplo conceito.

De acordo com Moraes (2005), a partir dos anos de 1980, com o estudo sobre o letramento, a alfabetização passou ser prioridade. Na qual a inserção da criança no mundo da escrita permite a entrar em contato com as práticas de leitura e produção de texto. Defendendo que o sistema alfabético é notacional, e não códigos para ser decifrado, mas sim compreendido como objeto do conhecimento que posso ser memorizado e refletido, sucedendo em uma alfabetização letrada.

Diante dessa realidade, a aprendizagem de ler e escrever era chamado de alfabetização, mas com os avanços das pesquisas a respeito da aprendizagem das crianças, a alfabetização ganha uma nova roupagem. Visto que, o professor e os métodos utilizados não eram mais o foco das pesquisas sobre a educação e sim, as crianças, percebendo que a própria constrói seus conhecimentos a respeito da língua escrita (SCHAFASCHECK; SCHMIDT, 2018).

Nessa abordagem, quando a criança passa ser vista como o sujeito histórico que por intermédio de outras pessoas podem se apropriar do sistema da escrita e leitura, acontece o letramento, em que uma das suas definições é relacionar a prática da leitura e da escrita com o cotidiano, ou seja, em simples ações que remetem a criança aprender e usar as funções sociais por meio do processo da alfabetização.

[...] O letramento pode se apresentar numa criança não alfabetizada que abre um livro e, fingindo que lê, diz Era uma vez..., indicando que participa como ouvinte da leitura de livros de histórias, ou do menino de três anos que, acompanhando a mãe no registro da lista de compras do supermercado (SCHAFFASCHECK; SCHMIDT, 2018, p. 24).

Considerando os aspectos mencionados, o professor é um dos colaboradores para auxiliar a criança a exercer a cidadania, pois a alfabetização e o letramento é o domínio do sistema alfabético dentro de contextos sociais, onde desenvolvemos habilidades de comunicação e autonomia. “Para exercer essa função de forma plena, é preciso que o professor tenha clareza do que ensinar e como ensinar e sobre qual concepção de alfabetização está subjacente à sua prática” (BRASIL, 2015, p. 21).

Maciel e Lúcio (2018) discorrem sobre a alfabetização como um processo inicial da leitura e escrita e o letramento sendo o domínio deste processo utilizados em diferentes esferas sociais e situações da realidade. Tem a possibilidade de criar novos conhecimentos e informações de mundo, já que o processo de escrita e a leitura é um dos instrumentos que utiliza-se nesse processo, o qual proporciona habilidades de interação com os outros. Com feito, Letramento e Alfabetização são considerados processos complexos por ser um desafio ensinar e criar um ambiente que possibilite que a criança aprenda.

Desse modo, a alfabetização e o letramento são ações distintas, porém indispensáveis para a criança desenvolve de maneira adequada na sua trajetória escolar e pessoal, pois o ato de ler e escrever deve ser contextualizado para que perceba a representação da escrita em seu uso e função em diferentes contextos sociais.

Para isso ocorrer deve-se ter equilíbrio para utilizar essas práticas, visto que estas são modificadas conforme a necessidades que encontramos ao alfabetizar e letrar, novas reflexões devem ser feitas ir em busca de atividades que favoreçam esse processo, ampliando o uso social da escrita para que seja compreendido o funcionamento e interação somados nas situações sociais.

Para tanto, existe um conflito em relação ao conceito de letramento, quando se trata sobre o ato e o objetivo de ler, a exigência é para que os professores não façam a diferenciação no ato da leitura e produção textuais. Com o propósito de formar cidadãos que também saibam desenvolver as práticas científicas de estar e interpretar o mundo, atuando como agentes do letramento.

Atualmente necessita-se que o indivíduo saiba ler, interpretar e produzir texto no mundo audiovisual e virtual, tornando leitores conhecedores da realidade que o cerca, interagindo com sua vida pessoal, para que possa estabelecer as relações entre o objetivo da leitura e o conceito de mundo, quando isso não acontece, a compreensão do leitor se torna difícil, pois não há uma significação no ato da leitura e escrita, nos contextos das práticas sociais (COSTA, 2009).

[...] Dessa maneira, o processo de letramento se torna apenas um processo de pura acumulação de saberes que impõem aos outros certos sentidos de leitura em detrimento de todos os demais possíveis. Ao aluno, resta a não-integração, a não-interação, o que o leva a perceber-se como excluído da possibilidade de ajuizar aquilo que é ensinado e, mais ainda, de transferir os ensinamentos para o universo da sua própria cultura (COSTA, 2009, p. 99).

Ainda nessa abordagem, percebe-se que o aluno deve ser letrado em dois modos, o narrativo e o científico. Ao ingressar na escola o aluno traz consigo conhecimentos empíricos que refletem no seu próprio contexto social. Muitas vezes, os professores não levam em consideração, interditando as outras formas de conhecimento de mundo, dando ênfase apenas aos conhecimentos e procedimentos da cultura científica. Constata-se que, para o letramento ser efetivo na escola é indispensável o professor saber reconhecer as interações que existe entre mentes, construídas do cotidiano que estão inseridas.

Percebendo-se então, que a criança não alfabetizada pode estar inserida no processo de letramento, ao entrar em contato com o mundo letrado por intermédio de outras pessoas, já que o processo é mais do que aprender as letras. Deverá usar as práticas da leitura e escrita por meio dos contextos sociais, no qual a alfabetização que é o ato de ensinar e aprender a ler e escrever, complementando esse processo.

Um necessita do outro para o ensino e aprendizagem serem significativos, no qual o letramento abre o horizonte para os contextos sociais nas práticas escolares no ato da alfabetização, pois o que se vê são crianças que leem textos específicos apenas para codificar e decodificar o sistema da leitura e escrita. O que não deve ocorrer na escolarização da mesma, dado que, existe diversos textos disponíveis para o preparo do infante, que são de suma importância, proporciona textos de circulação de sua vivência, podendo se expressar por meio deles, formando leitores competentes e críticos na sociedade (LORENZI; PÁDUA, 2012).

1.3 O QUE DIZ A BNCC?

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC traz em seu bojo, na etapa do ensino fundamental, com foco nos anos iniciais que se trata sobre alfabetização e letramento. Esse início é destinado para os alunos apropriarem da escrita e leitura desenvolvendo suas habilidades nos diferentes contextos sociais, por intermédio de um currículo diversificado que ofereça aos alunos novos conhecimentos de mundo, exercendo o ensino e aprendizagem de forma significativa, pois essa etapa inicial do ensino fundamental é a base que a criança necessita para seu desenvolvimento na educação básica (BRASIL, 2018).

É um percurso que promove a interação com outros e com si mesmo, devido ser contínuo e ocorrer mudanças ao longo dessa fase da educação, já que a busca está centrada em obter sucesso e qualidade no ensino que é oferecido.

[...] Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse segmento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica. Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social (BRASIL, 2018, p. 59).

Na área de linguagem, a BNCC refere-se que as práticas sociais são exercidas por meio de atividade, e nos dois primeiros anos do ensino fundamental uma das práticas primordial é a alfabetização e o letramento. Estas devem ser o ponto de partida da ação pedagógica, que possibilita os estudantes trocar experiência e adquirindo novos conhecimentos ao entrar em contato com as diversificações das linguagens, compreendendo seu dinamismo e na qual cada um está inserido nesse processo de construção.

Conforme anteriormente referido em relação às práticas de linguagens no ensino fundamental, elas devem ser aprofundadas, pois as crianças trazem do ambiente familiar e da educação infantil experiências da escrita e oralidade. A alfabetização deve ser desenvolvida nos três primeiros anos, e o letramento entra no eixo da oralidade por meio de leitura, escuta e produção de textos de diferentes gêneros textuais. De fato, esses processos “[...] serão progressivamente

intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexos” (BRASIL, 2018, p. 85).

Para tanto, o processo de alfabetização no 1º ano e 2º ano do ensino fundamental deve ser o foco da ação pedagógica, sabe-se que desde o momento que a criança nasce está rodeada das práticas de letramentos, e na educação infantil quando começa o processo de escolarização também estão envolvidas com essas práticas.

O que se espera quando ingressa no ensino fundamental é que elas consigam codificar e decodificar o sistema da escrita identificando os sons das letras, escrevendo os grafemas ou letras em diferentes formas, seja maiúscula, minúscula, cursiva e letra de imprensa.

Compreende-se, portanto que, o sistema da língua portuguesa do Brasil, não é fácil, pois o processo de construção de habilidade é contínuo, visto que não são neutralizadas, devido a variação linguística existente no país.

Esse processo básico (alfabetização) de construção do conhecimento das relações fonográfêmicas em uma língua específica, que pode se dar em dois anos, é, no entanto, complementado por outro, bem mais longo, que podemos chamar de ortografização, que complementar o conhecimento da ortografia do português do Brasil [...] (BRASIL, 2018, p. 87).

A partir dessa compreensão, a criança tem uma longa jornada para entender o percurso do processo da língua escrita, por mais que a alfabetização seja considerada um processo fácil, existe inúmeros trajetos a serem alcançados em questão de diferenciar, construir, perceber e desenvolver os conhecimentos específicos da língua portuguesa, nesse processo de alfabetização. O primeiro, a variação linguística, segundo, a complexidade do fonema e grafema existindo várias letras para um som e a última, o sistema silábico da língua.

Nessa abordagem, a BNCC evidencia que, “os processos de alfabetização e ortografização terão impacto nos textos em gêneros abordados nos anos iniciais. Em que pese a leitura e a produção compartilhadas com o docente e os colegas” (BRASIL, 2018, p. 89). Por mais que tenha essa abordagem os textos utilizados nesse trajeto são simples, logo utiliza-se leitura e escrita de textos do cotidiano familiar em que as crianças estão habituadas, avançando conforme as exigências dos anos escolar do ciclo de desenvolvimento.

Esse processo vai até mais além dos anos iniciais do ensino fundamental, em cada etapa que perpassa a criança vai conseguir conhecer, dominar e compreender a alfabetização e o letramento no seu circuito de desenvolvimento do ensino e aprendizagem no âmbito escolar, no que tange do convívio na família e na escola com seus colegas e professores.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, as crianças estão em processo de transição, dado que a ludicidade é um dos aliados desse processo, que concede o prosseguimento das atividades de interação das diversas linguagens artística verbal e não verbal no desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Nesse período, deve-se proporcionar a criança momentos que possibilite o aprofundamento das experiências trazidas da educação infantil, já que o meio artístico pode evidenciar maneira de trabalhar a alfabetização e letramento por intermédio de diversas linguagens artística ao acesso da leitura das mesmas (BRASIL, 2018).

Diante do compromisso com a formação estética, sensível e ética, a Educação Física, aliada aos demais componentes curriculares, assume compromisso claro com a qualificação para a leitura, a produção e a vivência das práticas corporais. Ao mesmo tempo, pode colaborar com os processos de letramento e alfabetização dos alunos [...] (BRASIL, 2018, p. 220).

Observa-se então que a área da educação física é uma das colaboradoras no processo de alfabetização e letramento, devido as práticas corporais inseridas no currículo do ensino fundamental. Esta disciplina cria um ambiente que favorece a leitura e produção de textos, que estão presentes na realidade das crianças nessa fase de construção e apropriação do conhecimento de mundo nas diversas esferas da vida social, no qual são desenvolvidas as temáticas dança, esporte, brincadeiras e jogos e ginástica.

Já na área das Ciências, a ênfase está dada ao processo de alfabetização por meio do letramento, para ampliar os conhecimentos referentes aos fenômenos do ambiente, saúde do corpo e o bem-estar, pois a prioridade nos primeiros anos do ensino fundamental é alfabetizar letrando os alunos, despertando e ampliando a curiosidade em relação a tecnologia e o mundo que estão inseridas.

São alguns dos pontos que devem estar presentes na vida escolar da criança, auxiliando na ampliação do seu conhecimento para que possam compreender a

realidade, o que torna o aprendizado significativo ao empregar suas vivências, como compreensão nesse processo.

Vale ressaltar que, somente a teoria não basta nesse momento de construção do conhecimento, logo, a criança não irá entender o que está sendo repassado, já que não condiz com que ela conhece. O intuito é mobilizá-la para que possa ampliar sua capacidade, visto que, “é preciso oferecer oportunidades para que eles, de fato, envolvam-se em processos de aprendizagem nos quais possam vivenciar momentos de investigação” (BRASIL, 2018, p. 327).

No que diz respeito à alfabetização, a BNCC menciona sobre a alfabetização cartográfica dos alunos nos anos iniciais para que se perceba como sujeito integrante da sociedade e da comunidade em que vive. Ampliando suas noções de espaço e tempo, no qual utilizará diversos tipos de linguagem, compreendendo que suas vivências estão relacionadas com o ensino e aprendizagem, no decorrer de sua formação, através do respeito pelas diferenças sociais e étnico-raciais existentes na sociedade.

Construindo uma identidade conforme suas vivências em diferentes lugares, no que vem a aprimorar seu conhecimento de mundo valorizando cada etapa do desenvolvimento escolar.

Tendo por referência esses conhecimentos das próprias crianças, o estudo da Geografia no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, em articulação com os saberes de outros componentes curriculares e áreas de conhecimento, concorre para o processo de alfabetização e letramento e para o desenvolvimento de diferentes raciocínios (BRASIL, 2018, p. 363).

Diante dos aspectos mencionados, percebe-se que a criança traz uma bagagem de conhecimento da educação infantil, que no ensino fundamental vem ser ampliada, trazidas do contexto familiar ou escolar. Tais vivências contribuem nas relações interpessoais e na capacidade de ler e escrever mediante diversas representações, se localizando no tempo e no espaço, por saber interpretar o mundo mediante seus conhecimentos do ambiente.

Por esse motivo é que o ensino e aprendizagem devem ser contextualizados, para que a criança entenda sua identidade como um cidadão que saiba lidar com diversas situações do cotidiano.

Bortolanza, Goulart e Cabral (2018) enfatizam que a BNCC está pautada na visão construtivista, apresentando alfabetização em uma nova roupagem, porém

camuflada na antiga visão que a criança codifica e decodifica a escrita alfabética, no qual o ato de ler se deriva desses dois processos para a compreensão do leitor, considerando fácil esse processo de apropriação da leitura e escrita, tornando-o mecanicista e ignorando o percurso da escrita.

Os autores analisam também que, considerando que a escrita veio depois da palavra falada, e sofreu várias mudanças ao longo da história, passa então a abranger a semiótica das palavras escritas.

Quando se fala em alfabetização há diversas definições o que a torna complexa, pois contempla tanto as práticas pedagógicas utilizadas para a aprendizagem dos alunos como as utilizadas na preparação dos professores que irão atuar compartilhando e repassando seus conhecimentos.

Considerando esses aspectos, percebe-se que a concepção da escrita é bem mais complexa do que a BNCC propõe, para aprender a ler e escrever em diferentes contextos sociais precisar entender o significado das palavras existentes em cada contexto, o codificar e decodificar somente não é o bastante para a compreensão da criança.

Visto que, a escrita já é complicada de entender seus traçados ainda associá-las com os sons da fala, torna-se mais difícil, e quando estes têm que ser usados no cotidiano que se mesclam com experiências de outras pessoas, apenas ler e escrever não vai ser o bastante para compreender o processo de alfabetização, já que esse ato deve ter significado para a criança que a prática (BORTOLANZA; GOULART; CABRAL, 2018).

Aprender a ler e a escrever na perspectiva vigotskiana é, inversamente ao que se propõe na BNCC, um processo de atribuição de sentidos à escrita de que a criança se apropria ao ser imersa na cultura escrita, por meio de textos, em seus usos e funções sociais (BORTOLANZA; GOULART; CABRAL, 2018, p. 969).

Portanto, para a alfabetização ter qualidade precisa-se inserir atividades contextualizadas em diversos usos sociais, e a BNCC menciona que a alfabetização é um processo de apropriação fonética, gráfica para depois entender a ortografia da escrita.

Isto implica no entendimento da criança, a função social que desempenha, descontextualizando o ensino e aprendizagem, pois não vai existir sentido nas palavras ensinadas sendo reconhecidas como mero sistema notacional. A criança

compreende esse processo a partir do momento que usa a realidade cultural que ela se encontra, pois, cada palavra será entendido seu significado e fará sentido no momento das produções e leitura de textos.

Desse modo, a BNCC busca aprofundar a alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental, partindo dos conhecimentos trazidos da educação infantil. Tais experiências são essenciais para a continuação do ensino aprendizagem na escola, no que contribui para o desenvolvimento das atividades no decorrer da escolarização básica.

No ensino fundamental, a BNCC está organizada pelas competências e habilidades, para que seja garantida a compreensão em cada etapa de educação de acordo com a faixa etária, onde “são estabelecidas as competências específicas das áreas, organizadas em unidades temáticas, cada uma com seus objetos de conhecimentos e conjunto de habilidades determinadas” (BORTOLANZA; GOULART; CABRAL, 2018, p. 973).

Quando se fala na BNCC no contexto estadual, o currículo escolar do Estado do Pará foi adaptado para realidade sociocultural do estado, organizado a partir das competências e habilidades proposta pela BNCC, daí sendo criados subeixos, trazendo questões relacionadas a alfabetização cultural e letramento, em que as crianças passam pela educação infantil.

Quando são inseridas no ensino fundamental essas questões devem ser aprofundadas e não deixada de lado, dando continuação no processo de escolarização. Deve-se aproveitar as experiências trazidas dessa trajetória para contribuir no processo de ensino e aprendizagem, onde o lúdico faça parte da alfabetização sem fazer diferença nos níveis de ensino, para ter o êxito que se espera na educação (PARÁ, 2019).

2 MULTILETRAMENTOS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

2.1 COMPREENSÃO DA LEITURA E ESCRITA NO CICLO

Ler e compreender são competências que as crianças podem ou não aprender na escola, por meio das didáticas utilizadas pelos professores em sala de

aula. Mas, para que isso ocorra deve-se usar a empatia, identificação e interpretação nesse processo de conhecimento da língua. Entender o outro através de suas ações são pontos indispensáveis para o processo de significância.

Compreender a si e o mundo também são construções de conhecimentos para a compreensão, sendo um dos objetivos e necessidades que a escolarização está em busca constante, já que compreender o que o outro escreve é um desafio, que pode ser alcançado se houver planejamento de didáticas específicas.

A leitura é uma atividade situada em um processo comunicativo, o texto, no qual um sujeito deseja expressar algo com algum tipo de intenção. Consequentemente, compreender um texto demanda identificar de que tema ele trata, o contexto em que foi abordado e com qual ou quais intenções (BITTENCOURT *et al*, 2015, p. 14).

Percebe-se que, as crianças compreendem elementos linguísticos a partir da leitura da sua realidade, pois a leitura como processo comunicativo são registros de textos por meio da linguagem escrita. Se compreendidos de forma correta, contribui para a formação leitora da criança tornando prazerosa, ao ponto que se desenvolva os conhecimentos e habilidades que o leitor possa identificar o que se lê e o que se trata cada aspecto da linguagem escrita a partir de seu cotidiano.

A motivação é um dos primeiros passos para despertar na criança o gosto para leitura, mas depende do tipo de motivação, podendo ser determinantes no ato de a criança ter o prazer de ler ou não. Quando a leitura não é compreendida apenas decodificada o leitor não vai esboçar o mínimo de interesse, visto que não haverá motivos para realizar tal ação.

Devido não compreender as informações contidas o abandono da leitura é certo, e também se o texto não tiver o que o leitor conhece, impede de relacionar com o que já foi aprendido. Torna-se assim, apenas uma leitura sem objetivos, falta de atenção e sem compreensão considerando a prática de ler, uma perda de tempo.

Faz-se necessário mostrar para a criança ou até mesmo para o adulto que a leitura pode agregar conhecimentos úteis para sua vida e trazer momentos prazerosos ao ler e compreender um texto. Se o leitor apresentar dificuldade na decodificação, sua compreensão será pouca e se concentrará em outros elementos do texto como as notas do rodapé, tirando o foco do que realmente é fundamental, já que durante uma leitura precisa-se de atenção para melhor compreensão.

Entretanto, cada leitor tem seu entendimento construindo significados próprios para o texto que for lido, e para que o processo de leitura e motivação seja correspondido é preciso criar um ambiente favorável que o leitor se identifique e se sinta à vontade, sendo contínuo o processo de compreensão atendendo as mudanças dos textos ao longo dos anos, e às novas exigências que constam em diferentes textos.

[...] é importante saber que aprender e ensinar Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental está relacionado com a mediação e a intervenção constante da professora para proporcionar momentos de interação entre as crianças e os textos que circulam socialmente, pois é nesse diálogo que são construídos os sentidos sociais dos usos da língua. Sentidos estes que poderão ser construídos se criança perceber que o que é ensinado na escola tem relação com o que existe fora da escola (BITTENCOURT *et al*, 2015, p. 24).

O papel da escola está intrinsicamente ligado com ensino da Língua Portuguesa, pois é ela que desempenha a função de unir as práticas da leitura e escrita com o cotidiano das crianças. Isto acontece no momento que o professor interage com a criança mostrando os diferentes tipos de textos que existem na sociedade e ressaltando-os que também fazem parte do cotidiano de cada criança.

Formar leitores e despertar o prazer pela leitura é um desafio, pois o autor remete que para isso ocorra primeiramente, parte do uso da língua materna. Trabalhar a compreensão da sua própria língua, já que é meio de comunicação que a criança se expressa, partindo da atenta observação da criança ao seu desenvolvimento e o significado para aquilo que veem e leem, é dessa forma que o professor possibilita que a criança aprenda a se manifesta seu conhecimento sobre a língua. Além de proporcionar um ambiente na sala de aula para a criança elaborar cartazes, cartas, fazer pesquisa e socializando para o despertar do gosto pela a leitura e escrita em diversos contextos sociais.

A leitura e a escrita são práticas que precisam ser desenvolvidas de modo a qualificar as aulas de língua materna. Para obter bons resultados, você precisa acreditar e ter segurança na sua metodologia de trabalho, além de estar sempre bem preparada e informada. Neste sentido, é necessário que você trabalhe com textos diversificados, trazendo o cotidiano para sala de aula (BITTENCOURT *et al*, 2015, p. 26).

Percebendo então que a língua materna precisar ser qualificada para o uso da leitura e escrita demonstrando que a língua tem sua especificidade, que os

diferentes textos têm uma finalidade comunicativa, e que cada contexto existe uma forma adequada para se expressar. A língua materna é também um meio de comunicação entre pessoas, utilizando-a a favor da aprendizagem das crianças.

Cabe, desse modo, ao professor trabalhar para melhorar o repertório da leitura e escrita, inserindo os gêneros textuais que estão de acordo com o entendimento e nível de complexidade da turma em que se trabalha. Deve partilhar e socializar as notícias com as crianças vindo a despertar o interesse das mesmas, pois são os acontecimentos que estão presentes em seu dia a dia, com o intuito de trazer a realidade de casa para dentro da escola ou da escola para casa.

Nesse sentido, a língua materna tem a finalidade de formar leitores no qual literatura é favorecida, logo, o ensino da língua portuguesa torna-se significativo pelo fato de a leitura e escrita serem guiados por textos literários de diferentes gêneros textuais. Desse modo, partindo dos conhecimentos progressivo das crianças, então forma leitores é “[...] Ampliar as aprendizagens das crianças sobre a língua e suas diferentes linguagens significa também pensar o alargamento dos conceitos de leitura e escrita” (BITTENCOURT *et al*, 2015, p. 29).

A escola está em busca de aproximar as práticas sociais da leitura e escrita utilizando-as na sala de aula, com intuito de tornar a aprendizagem contemporânea significativa, em razão dos textos que circulam na sociedade. Dessa maneira, somente os livros e as cartilhas que ensinam as letras não são mais suficientes, é quando surgem os livros de literatura infantil aliados com os textos de convívio social.

Evidencia-se que, as crianças são também alfabetizadas fora da escola através de textos informativos como por exemplo revistas em quadrinhos e livros de literatura infantil que despertam o prazer da leitura. As crianças entram em contato com diferentes realidades por meio dos gêneros textuais e como é seu funcionamento nas práticas de linguagem, para que assim a escola tenha oportunidade de trazer para sala de aula.

A concepção contemporânea sobre a infância possibilita que as professoras percebam as crianças enquanto seres potentes, criativos e de relação desde o nascimento. Tal visão rompe com o entendimento moderno de criança natural e incompleta, como uma espécie de vir a ser. Desse modo, o protagonismo das crianças deve tornar-se o foco da sua ação educativa [...] (BITTENCOURT *et al*, 2015, p. 53).

Ao refletir sobre a aprendizagem das crianças percebe-se que é através da leitura de mundo que é construída sua concepção. Assim, deve-se trabalhar com esse viés contribui para a melhor compreensão, dado que o professor planeja as aulas de acordo com as experiências vivenciada pela a criança, estabelecendo possibilidade de manifestação de opinião.

Deve-se também prover uma ampliação dos conhecimentos trazidos do ambiente fora da escola, sendo reconhecidas como cidadãos capazes de se relacionar socialmente no ambiente que está inserida, trocando experiências com outras crianças. Fazendo parte do processo de ensino e aprendizagem de maneira ativa para a construção de um currículo escolar adequado para o infante.

Compreende-se, portanto que, as mudanças da sociedade globalizada são muitas e a multiplicidade de textos vem crescendo a cada dia, porém cabe ao professor selecionar os textos apropriados que atenda os objetivos, exigindo uma responsabilidade enorme, que por muitas vezes não se tem sucesso pela falta de incentivo. Este momento é dedicado para formação de leitores desenvolvendo habilidades e competência que os mesmos necessitam facilitando a aprendizagem.

A escola é reconhecida como um lugar exclusivamente de aprendizagem, no qual o seu papel está destinado para a aprendizagem da leitura e escrita. Tendo uma idade certa para ingressar em uma instituição de ensino, porém o que se aprende na escola vale para vida em sociedade, e a família contribui para essa aprendizagem o chamado revezamento.

Os pais têm uma parcela no que se refere as descobertas das crianças, ou seja, aprender fora da escola, os professores estão em busca de relacionar esses conhecimentos adquiridos fora da escola, permitindo ampliar a prática de ensino em função o valor cultural a caminho de possibilitar a criança a compreender os acontecimentos no seu cotidiano.

[...] tornaram-se mais visíveis as estreitas conexões existentes entre a construção histórica da leitura com as práticas realizadas pelos sujeitos, nas diferentes instituições, nos diferentes espaços. Os modos de apropriação e representação dessas práticas estão inseridos em um contexto amplo de produção, portanto, são constituídos pelos valores das comunidades e, ainda, por seus usos históricos (SILVA, 2008, p. 43).

A busca pela compreensão da prática da leitura, se mostra diferente ao longo da história, não são mais utilizados somente os livros para a leitura. Com a chegada

da era digital, os leitores utilizam também os meios eletrônicos para essa prática. O que se percebe é que a leitura está inserida em diversos contextos da sociedade, apesar das mudanças ela guarda aspectos durante essa trajetória.

Além disso, existem as formas não-verbais da leitura como os livros que apresentam gravuras ou quando até mesmo ler em voz alta para uma criança. São momentos que a criança entra em contato com esse universo, a escola e a família fazem parte dessa contribuição, quando a materialidade das funções sociais se faz presente, ou seja, quando o leitor se favorece da leitura compreendendo o que foi lido.

Dentre esses postulados, quando se fala de compreensão leitora percebe-se que no cotidiano ela é desenvolvida, assim a criança aprende a se comunicar nesse meio partindo de uma linguagem sem regras gramaticais e normativas. Porém, é com a linguagem construída na realidade de uma criança que a escola deve trabalhar a formalização e ensinando as regras para utilizá-las em contextos que exigem uma formalidade e termos apropriados fora do ambiente familiar.

Deve-se lembrar que essa linguagem deve estar relacionada às experiências das crianças, como afirma Silva (2008, p. 64), que “a linguagem manifesta-se nas práticas cotidianas com maneiras de ser específicas daquele meio, havendo nela uma formalização própria”.

É importante salientar que ler e compreender são critérios necessários para a leitura prazerosa, mas para isso ocorrer é imprescindível que a criança decodifique e tenha habilidade de consciência fonológica para chegar a tal ato. Analisando que o processo de compreensão é complexo pelo fato de requer diversos conhecimentos como a decodificação, léxico da língua e fluência na leitura, assim tornando a mensagem significativa quando captada pelo leitor.

Para alcançar o nível de compreensão precisa-se partir de informações exteriores de um texto, estabelecendo relações que o leitor necessita para poder impor sua opinião referente ao texto que teve contato. Dessa forma, a compreensão ocorre em duas fases a superficial e a profunda, em que a primeira o leitor apenas retorna no texto para encontrar as respostas que foram questionadas e na segunda exige o raciocínio lógico para tais indagações aprofundando suas reflexões sobre o texto.

Tanto no nível da fala quanto da leitura, o conhecimento consciente da língua é pré-requisito para o entendimento entre falantes ou leitores/redatores. No caso da leitura, que é o que nos interessa no momento, todos os conhecimentos, desde os elementares, como a decodificação, que é a identificação e transformação dos sinais linguísticos

(relação grafema-fonema), até os mais complexos (a significação dentro de um contexto, a relação de sentidos e a própria compreensão), precisam ocorrer, simultaneamente, de forma consciente (LANDIM, 2017, p. 61).

Desse modo, o professor tem uma parcela de responsabilidade para ensinar e utilizar métodos que possam ajudar a criança compreender o processo da leitura, fazendo que essa criança aprenda reproduzir textos que façam sentido para si e para os outros, percebendo que todos os conhecimentos são paralelos a sua realidade, por isso que o ato da leitura se torna complexo devido à dimensão cognitiva que a envolve.

Vale destacar que, todo professor tem o papel de buscar conhecimentos que ajudem nesse momento de alfabetização, são passos que devem ser dados para auxiliar na compreensão deste infante para desenvolver as habilidades e competências exigidas em cada ciclo de aprendizagem.

Para concluir, entende-se que, a leitura é um processo comunicativo, em que espera-se expressar algum tipo de intenção. Ler e compreender está relacionado ao conhecimento prévio, pois para que se consiga tal ato necessita-se de uma referência, logo, assimila-se a compreensão de um texto. Portanto, cada indivíduo compreende de forma diferente, o que permite adquirir novos conhecimentos organizando aquele conhecimento que já possui, tendo como base sua experiência e a percepção de mundo.

2.2 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Historicamente os métodos de alfabetização se agrupam nos métodos sintéticos e analíticos. O primeiro baseia-se em correspondências fonográficas, compreendendo os métodos de alfabetização, fônico e silábico o conjunto desses métodos distancia-se do uso e o significado do sistema da escrita. O segundo procura afastar-se de fundamentos de decifração, em que utiliza os métodos global de conto, sentencição e palavração levando em consideração a aprendizagem da criança pela sua percepção global e da própria língua, no qual a escrita faça parte desse meio aplicando-se as palavras, frases e textos para compreensão da língua (FRADE, 2005).

[...] o método alfabético. Consistia em apresentar partes mínimas da escrita, as letras do alfabeto, que, ao se juntarem umas às outras, formavam as

sílabas ou partes que dariam origem às palavras. Os aprendizes, primeiro, deveriam decorar o alfabeto, letra por letra, para encontrar as partes que formariam a sílaba ou outro segmento da palavra; somente depois viriam a entender que esses elementos poderiam se transformar numa palavra [...] (FRADE, 2005, p. 23).

Considerado um dos métodos mais antigos, o *alfabético*, no qual a criança deveria primeiramente decorar o alfabeto para depois formar as sílabas que dariam para gerar uma palavra. Após, foi desencadeado o processo de soletração, considerado exausto devido as repetições para decorar e combinar sílabas formando as palavras, porém pouco se sabe como esse método era proposto pelos professores em sala de aula, se possuíam algum material didático para aplicar tal método. A vantagem de alfabetizar a criança com esse método é pela representação da letra através do fonema no ato da escrita.

Nessa abordagem, Frade (2005, p. 25) enfatiza que, no *método fônico* iniciase “ensinando a forma e o som das vogais. Depois ensinam-se as consoantes, estabelecendo entre consoantes e vogais relações cada vez mais complexas [...]”. Dessa forma, é aprendido que cada letra tem um som e ao juntar-se com outra letra constrói-se outro som, assim, formando uma palavra ou uma sílaba.

Existindo uma linha a ser seguida, primeiro usa-se o fonema e o grafema para após associá-las a termos mais difícil. Tendo como benefício de aprendizagem para a criança a representação da escrita em decorrência do fonema ensinado, em que são identificados rapidamente as representações, no caso de um entendimento correto da aquisição de relação entre letra e fonema.

Já no *método de silabação*, propõe uma ideia que parte do mais fácil para o mais difícil no momento de ensinar a sílaba. Nesse contexto, são apresentadas palavras-chaves para apenas serem utilizadas como modelo para indicar as sílabas que pretende ser trabalhada, para recompor novas palavras. Esse método adequase para que formar novas palavras com as sílabas trabalhas, organizando pequenos textos ou frases, utiliza-se também a cartilha como recurso didático para o ensino e aprendizagem.

A utilidade desse método com a criança, ajusta-se na facilidade de aquisição ao falar e pronunciar sílabas e não os sons separados, que não se aplica diretamente ao fonema e grafema.

[...] Comênio é apontado como o introdutor do método da palavração. Nesse método, as palavras são apresentadas em agrupamentos e os alunos aprendem a reconhecê-las pela visualização e pela configuração gráfica. Os defensores dessa memorização pelo perfil gráfico acreditavam ser essa estratégia cognitiva algo “natural” no ser humano. Em suas aplicações, as figuras podem acompanhar as palavras, no início do processo, e a repetição garante a memorização (FRADE, 2005, p. 33).

A partir dessa compreensão, Frade menciona que o *método da palavração* se usa palavras para dividir em sílabas, porém são escolhidas qualquer palavra independente do seu grau de complexidade, tendo como foco a aprendizagem significativa. Desse modo, a criança aprende a reconhecer as palavras por intermédio da visualização e aspecto gráfico, sendo considerado uma forma natural de apropriação da leitura e escrita, usando gravuras para uma melhor memorização.

Neste método, aproveita-se as gravuras para acompanhar as palavras e as repetem para memorizá-las, acompanhando a aprendizagem da palavra escrita ou falada, letras, sílabas e os sons. Destaca-se nesse método, a busca da significação e a leitura prazerosa dos textos, informação, a percepção das crianças para formação das ideias.

Para tanto, o *método de sentencição* é considerado uma parte do método global, pois o intuito é de pegar uma palavra e isolar alguns elementos para criar uma nova palavra que a criança possa ler e escrever, trabalhando com frases que enfatiza a compreensão. Como afirma Frade (2005, p. 33), “Nesse método, a unidade é a sentença que, depois de reconhecida globalmente e compreendida, será decomposta em palavras e, finalmente, em sílabas”.

Nessa perspectiva, percebe-se que o *método global de contos* tem como ponto de inicialização os textos, podendo trabalhar tanto os textos conhecidos como os desconhecidos. Os textos são lidos e as partes reconhecidas e memorizadas, para após serem sentenciados, reconhecendo parte de expressões, palavras e por último, as sílabas.

Alguns textos não são adequados para trabalhar com a criança, mesmo que a linguagem seja um fenômeno global, deve-se trabalhar a realidade, dessa maneira a criança ler mais rápido as palavras conhecidas e não perde tempo tentando decodificá-las (FRADE, 2005).

[...] o método natural utilizado pelo pedagogo francês Freinet e assumido por ele como uma adesão ao método global de leitura teria como foco a produção escrita. Na tarefa de escrever, a criança teria necessidade de

solicitar a um adulto um modelo gráfico das palavras. Para ele, a vontade de escrever da criança seria mantida pelo incentivo de que ela se comunicasse à distância. A leitura, assim, seria consequência da escrita (FRADE, 2005, p. 38).

O método natural tem o objetivo de incentivar a produção de textos, escritos pelas as crianças com palavras já conhecidas de uso do seu cotidiano escolar, e dessa forma desencadear a leitura natural do infante nesse processo de apropriação da leitura e da escrita. Acreditava-se que, conforme a criança iria escrevendo aprendia-se a decodificar as palavras e aprimorando seu repertório, em que parecesse que elas estavam escrevendo não só apenas para cumprir uma tarefa escolar, mas para socializar com outras pessoas, mantendo a função social da língua.

Ainda nessa abordagem, acredita-se que a criança aprende ler e escrever fazendo a prática das mesmas, e a alfabetização trabalha em torno dessas práticas, como afirma Frade (2005, p. 39), “O trabalho de alfabetização hoje denominado de imersão segue um princípio parecido com o do método natural, privilegiando a escrita e a leitura quando essas se fazem necessárias nas situações de uso [...]”.

As discussões em torno os métodos visam mostrar, que métodos seria ideal para solucionar os problemas relacionados à alfabetização das crianças, ou seja, a problemática da criança para aprender a ler e escrever, principalmente aquelas que apresentam dificuldades.

Considerado complexo o ato de alfabetizar devido os antigos e novos métodos que existem, busca-se conciliá-los conforme a necessidade que cada criança apresenta no seu desenvolvimento escolar.

Conforme Mortatti (2006, p. 05), o ensino

[...] dependia muito mais do empenho de professor e alunos para subsistir. E o material de que se dispunha para o ensino da leitura era também precário, embora, na segunda metade do século XIX, houvesse aqui algum material impresso sob a forma de livros para fins de ensino de leitura, editados ou produzidos na Europa. Habitualmente, porém, iniciava-se o ensino da leitura com as chamadas “cartas de ABC” e depois se liam e se copiavam documentos manuscritos.

Nesse período, o ensino destinado a alfabetização era baseado em métodos sintéticos, em que o professor e o aluno tinham que se empenhar para desenvolver a prática da leitura e escrita, devido à falta de material e o atendimento de vários alunos de anos diferentes numa mesma sala.

Mortatti (2006) menciona que o método utilizado era de ordem crescente de dificuldade, assim da parte para o todo, partindo da soletração das letras do alfabeto, após reconhecendo dos sons das letras e a silabação que são o reconhecimento das famílias silábicas. Apoiando-se nas cartilhas como recurso didático para o desenvolvimento da prática de leitura, a escrita vinha através da caligrafia e ortografia por intermédio dos ditados, copias e formação de frases.

Assim sendo, no início da década de 1880, nas cidades de São Paulo e do Espírito Santo começou a ser empregado um novo método de alfabetização, como afirma Mortatti (2006, p. 06), “[...]“método da palavração” baseava-se nos princípios da moderna linguística da época e consistia em iniciar o ensino da leitura pela palavra, para depois analisá-la a partir dos valores fonéticos das letras”, em que houve uma disputa para reconhecer qual método seria melhor para a alfabetização, sendo considerado um período de progresso social.

Com a reforma da instrução pública, no início de 1890 no estado de São Paulo, com intenção servir de modelo para os outros estados, se reorganizou para inserir o método analítico para a prática da leitura. Os professores passaram a defender o método, passando ser obrigatório nas escolas paulistas, porém os professores do primários se queixavam pela a demora de resultado que tal método pretendia alcançar que era a leitura.

O método analítico tem influências norte-americanas, uma nova concepção que a aprendizagem seria a análise do todo, em que seus defensores procuravam adaptar o ensino da leitura a concepção das crianças, mas dependia de que cada professor considerava como o todo, para poder ter um ponto de partida para desenvolver a alfabetização. Desse modo, passaram a se basear nos processos de palavração e sentencição, se adequando as normas do estado paulista (MORTATTI, 2006).

Percebe-se então, que os métodos analíticos levam em conta as funções motoras da criança. As discussões sobre o método recai no modo de ensinar a leitura, pois, o ensino da escrita era compreendido como questões da caligrafia o que exigia treinos, sendo feito cópias e ditados, para suprir essa necessidade. O ensino baseia-se no conhecimento de mundo das crianças, envolvendo as habilidades de memorização associadas a imagens e como deve ser concebido essa aprendizagem, determinando de onde inicia a aprendizagem da concepção de uma criança.

Considerando esses aspectos, a busca de novos métodos para serem utilizados na aprendizagem dos alunos, procurou-se mesclar os dois métodos, para verificar a eficácia na aprendizagem a fim de solucionar os problemas do ensino da leitura e escrita, agora chamado de alfabetização.

Ainda no contexto histórico dos métodos de alfabetização, houve uma disputa entre os professores a respeito dos métodos utilizados para a alfabetização, conforme Mortatti (2006, p. 08) para “conciliar os dois tipos básicos de métodos de ensino da leitura e escrita (sintéticos e analíticos) em várias tematizações e concretizações das décadas seguintes, passaram-se a utilizar: métodos mistos ou ecléticos”.

Nessa abordagem, ocorreu o surgimento de outro método chamado de global, que era trabalhado por meio de contos. A importância do método surgiu depois que Lourenço Filho escreveu um livro com bases psicológicas da alfabetização, em que apresentou resultado de sua pesquisa referente a alfabetização, na busca de solucionar os problemas de aprendizagem das crianças, no qual observa-se a importância das habilidades motoras, visuais e auditivas no processo de ensino da leitura e escrita nos anos iniciais (MORTATTI, 2006).

Assim, começou a predominar o uso das cartilhas, aplicando os métodos sintético-analítico e utilizando como auxílio didático do professor, sendo considerado o período de preparação da criança e o nível de ensino que vai de acordo com sua maturidade.

[...] Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas (MORTATTI, 2006, p. 10).

Nesse contexto, ainda estava sendo enfrentado o fracasso da alfabetização no Brasil, quando surgiu o pensamento construtivista resultado da pesquisa da psicogênese da língua de Emília Ferreiro e colaboradores. Desse modo, foi discutido os conceitos dos métodos até então utilizados e se havia a necessidade do uso das cartilhas. Verifica-se uma disputa entre os defensores dos métodos tradicionais e os do pensamento construtivista. Tudo isso com a finalidade de classificar o nível de

maturidade para iniciar a alfabetização do infante, com um novo tipo de visão a respeito da leitura e a escrita.

Diante dessa realidade, os métodos e cartilhas são resultados das pesquisas para encontrar a melhor forma de alfabetizar, dando continuidade nesse processo complexo, porém importante e sempre centrado em busca de uma educação de qualidade, percebendo que os métodos se mesclam no decorrer da trajetória, como enfatiza Mortatti (2006, p. 11) “resultando: na produção de cartilhas “construtivistas” ou “sócio-construtivistas” ou “contrutivistas-interacionistas”; na convivência destas com cartilhas tradicionais”.

Portanto, as cartilhas com seus métodos se ajustam com a demanda, cuja a estratégia era aplicar a alfabetização com eficiência e o mais rápido possível, ocorrendo a ruptura do tradicional para encontrar a solução no fracasso do ensino da leitura e escrita no decorrer dos anos de escolarização, uma realidade incessante que se mostra quanto trata-se da alfabetização no início da vida escolar.

2.3 MULTILETRAMENTOS: DESAFIOS DO PROFESSOR

O conceito de multiletramento se difere do conceito de letramento, devido dois tipos de multiplicidade que se apresenta, principalmente na sociedade urbana da contemporaneidade, que são a multiplicidade cultural e semiótica, por quais se comunica e se informa sobre os textos. Em que a primeira é considerada textos de circulação social, que suas palavras são formadas por elementos de várias línguas, conhecidos por textos híbridos que se caracteriza pela escolha pessoal e política de diversas produções.

Já a multiplicidade semiótica são textos que apresenta muitas linguagens seja ela de circulação social, impressas, mídias audiovisuais, digitais ou não, em que as imagens e o arranjo de diagramação apresentam significado, mais ou tanto daqueles escritos por letras (ROJO, 2012).

Os multiletramentos levam em conta a multimodalidade (linguística, visual, gestual, espacial e de áudio) e a multiplicidade de significações e contextos/culturais [...], que todo texto é multimodal, não podendo existir em uma única modalidade, mas tendo sempre uma delas como predominante (LORENZI; PÁDUA, 2012, p. 38).

Diante dessa realidade, em decorrência de como o mundo contemporâneo se mostra com o efeito da globalização, particularmente nos meios de comunicação e informação, houve a necessidade de inserir os multiletramentos. Devido a ampliação dessas informações por meio das tecnologias digitais de comunicação e informação, implicando no como circula as informações, mudando os significados de como ler, fazer e produzir as informações na sociedade.

Ocorre o encurtamento das distâncias espaciais favorecendo as práticas de letramento, e a multisssemiose que trouxe possibilidades de multimídias e hipermídia de texto eletrônico no ato da leitura. Agora só os textos verbais escritos não bastam, as modalidades de linguagem são inseridas invadindo os limites dos ambientes digitais e também impressos.

Com base nesses aspectos, Dias *et al* (2012, p. 76) destaca que, “A ampliação desse conceito vem dar conta da diversidade de semioses que co-ocorrem nos textos encontrados hoje nas mídias: visuais (o uso das imagens), sonoro (uso de sons), verbal (uso das línguas)”. Essas modalidades exigem do leitor, o desenvolvimento de novas habilidades de leitura e escrita no que diz respeito do âmbito escolar, já que há novos gêneros a serem discutidos com inúmeros significados que os cercam.

Assim sendo, o multiletramento invade o cotidiano de professores e alunos exigindo o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, por intermédio de textos moldais e semióticos. Em decorrência das novas tecnologias de informação e de comunicação – TIC's, que ampliaram os letramentos, preparando-os para as interações que é necessário para o prosseguimento da leitura e escrita contemporânea, envolvendo os gêneros e as línguas. No momento o que interessa é o conhecimento da função social e estrutura formal para que a comunicação seja entendida (DIAS, 2012).

A convivência, portanto, com os multiletramentos advindos das novas relações sócio-históricas e dos instrumentos multisssemióticos que essas relações materializam impulsiona a escola, especificamente a disciplina de língua portuguesa, a desenvolver capacidades de linguagem com diferentes semioses, como as imagens estáticas ou em movimento, as cores, os sons, os efeitos computacionais etc. Paralelamente a esse novo movimento dentro do universo de textos e de gêneros que as interações sociais permitem, temos ainda as diferentes culturas e ideologias que atravessam as práticas de linguagem e que também devem ser consideradas no espaço da sala de aula (MELO; OLIVEIRA; VALEZI, 2012, p. 152).

Percebe-se que, o ensino e aprendizagem tem como proposta possibilitar o multiletramento para complementar as novas práticas pedagógicas. A disciplina de língua portuguesa está para contribuir pelo fato de seguir lado a lado das interações sociais, por meio de conjuntos de textos e gêneros, o que permite entrar em contato com diversas culturas e ideologias que transcendem o espaço escolar. Na busca de promover a leitura e escrita como um instrumento de inclusão social, regatando da comunidade práticas que podem ser usadas na escola que estão de acordo com a realidade da criança, que pertence aquele âmbito educacional.

Considerando esses aspectos, Teixeira e Litron (2012, p. 168) enfatiza que, o termo “multiletramentos” refere-se às “novas práticas de letramentos que envolvem a multiplicidade de linguagens e mídias hoje na criação de textos (multimodalidade) e também a diversidade cultural”. Diante disto, percebe-se que o termo letramento não é usado como único, devido a abundância de práticas de leitura e escritas existentes nas últimas décadas, que são relacionadas com outras línguas através de textos híbridos e as diversas práticas culturais.

É importante destacar que o conceito multiletramento tem origem do letramento, o termo passou a ser colocado a partir da realização de estudos voltados para a leitura e escrita em diferentes contextos sociais. Percebendo que não só a escola era ambiente para letrar, mas também a famílias e outros meios de convivência social, contribui para esse processo, sendo base para continuação do aprendizado escolar.

Baseia-se em uma visão mais complexa a respeito das práticas sociais e de linguagem, produzindo uma cultura de pluralidade e de diversidade. Articulado ao gênero discursivo o multiletramento direciona-se a uma proposta formadora que vem para contribuir no ensino e aprendizagem do aluno (MIGUEL *et al*, 2012).

Em 1996, o Grupo de Nova Londres, formado por pesquisadores, afirmou a necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos, isso porque o grupo percebia o quão era principiante a escola trabalhar o ensino a partir de uma pedagogia que envolvesse múltiplos letramentos em virtude dos impactos ocasionados pelas TICS, pois para eles, somente uma pedagogia desse prisma daria conta de abarcar a multiculturalidade que forma as práticas dos sujeitos inseridos no contexto escolar [...] (SILVA; SOUZA, 2019, p. 219).

Nessa perspectiva, numa era digital, os multiletramentos requerem da sociedade cidadãos ativos, que entendam os contextos socioculturais e semióticas que apresenta-se na escola e fora dela. O ato de letrar vai além do decodificar e

codificar o sistema alfabético, abrindo espaço para formação de novos sujeitos em decorrência das mudanças que ocorrem constantemente.

Desse modo, trabalhar os múltiplos letramentos envolvendo essas novas práticas inseridas no contexto escolar que circulam na sociedade e engloba a multiculturalidade, cada vez mais influenciadas pelos meios virtuais e midiáticos da sociedade contemporânea acompanhando as evoluções das linguagens.

Percebendo então, que o foco está direcionado ao processo da leitura e escrita e suas diversas abordagens, e que é preciso adquirir habilidade e competências para fazer o seu uso consciente nos diversos meio de informação e comunicação, formando crianças capazes de produzir e compreender as linguagens. Assim, o termo multiletramento foi “escolhido para descrever dois importantes argumentos que se colocam diante da ordem cultural, institucional e global emergente: a multiplicidade de canais de comunicação e mídia e a importância crescente da diversidade linguística e cultural” (CAZDEN; COPE *et al*, 1996 *apud* OLIVEIRA; SZUNDY, 2014, p. 194).

Para formar leitores competentes, é exigido do professor que se trabalhe o multiletramento levando em consideração o ensino e aprendizagem da criança, em vista que, existe diversas leituras no meio social que necessitam ser interpretadas para assim desenvolver essa prática.

Dessa maneira, para atribuir o sentido nesses textos, requer a compreensão das multissemioses que são construídas por meio de textos híbridos e das interações sociais de diversas culturas, se justificando pelo uso ou não, das tecnologias digitais de comunicação e informação. Sendo assim, para compreender melhor essa prática no âmbito escolar não se deve dissociar o uso da escrita das situações de comunicação social (SANTIAGO; NETO, 2019).

A qualificação dos profissionais da educação é necessária para que ocorra uma nova dinâmica no processo de ensino e aprendizagem visando à inserção do educando na era da informação e do conhecimento. Para isso, é fundamental que os professores estejam abertos à mudança e dispostos a ressignificar sua prática partindo da reflexão crítica sobre os novos processos de desenvolvimento cognitivo (IBRAHIM, 2016), compreendendo que “as tecnologias (...) combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes” (MORAN, 2007b, *apud* COUTO; OLIVEIRA, p. 279).

Percebe-se então, que os professores necessitam de uma formação para trabalhar os multiletramentos, principalmente aqueles onde se usa a tecnologia, pois visa inserir a criança a desenvolver sua leitura e escrita por intermédio das TIC's, sendo um desafio para o docente ressignificar sua prática e está aberto para esses processos da contemporaneidade.

O que se busca nesse momento é uma aprendizagem significativa, onde o educando exerça seu papel de cidadão crítico na sociedade, e o professor tem a responsabilidade de ensinar o mesmo no ambiente escolar, inserindo os materiais didáticos de aprendizagem digital e interativa para que compreenda as novas linguagens, possibilitando uma melhor percepção da realidade.

Nesse contexto, Teixeira e Litron (2012, p. 168) ressalta que, “Um desafio: transformar o discurso recorrente de professores e gestores escolares sobre a importância do letramento em práticas e concepções efetivas em sala de aula”. Devido ao tradicionalismo predominante, no qual existe tentativas para minimizar esses entraves nas esferas escolares, uma vez que a cada dia a ampliação do letramento vem crescendo e inúmeras outras práticas sociais se firmam.

Sabe-se, portanto que, o novo sempre vem trazer apreensão para aqueles que estão acostumados a utilizarem práticas tradicionais, no entanto, a circulação das TC's está no cotidiano do educando que necessita compreendê-las para utilizarem a seu favor.

Atualmente, existe inúmeras modificações com o surgimento de novas tecnologias, a preocupação do docente é aprimorar essas práticas acompanhado essas mudanças, posto que, a exigência está no refinamento das habilidades de leitura e escrita associadas as práticas letradas. E também a motivação pela leitura e um dos pontos que os professores se esforçam para a criança ter o habito de exercer uma leitura proficiente (DIAS *et al*, 2012).

[...] o professor não tem como se esquivar das relações humanas, o que o coloca numa situação de envolvimento pessoal, que atinge tanto a ele quanto aos alunos. Mais ainda. Essa complexidade é acentuada pelo fato de que o trabalho pedagógico é sempre contextual, ou seja, ocorre sempre em situações específicas, haja vista a singularidade de cada sujeito que participa do espaço escolar (FREITAS, 2007, p. 22).

É importante salientar, que a função do professor é considerada complexa, já que ele avalia sua própria atuação. Existe, nesse caso, a necessidade de formação

continuada para o exercício de uma educação de qualidade que vai de acordo com os pressupostos da ação pedagógica. Principalmente quando se trata da alfabetização das crianças, pois os docentes têm que ir em busca de métodos que ajudem as crianças no desenvolvimento da leitura e escrita, requerendo conhecimentos de múltiplos letramento, que auxiliem o educando compreender a natureza da linguagem.

Para concluir, Dias *et al* (2012, p. 93) enfatizam que, cabe ao professor “captar a demanda das novas formas de inter(ação) na contemporaneidade e construir novas práticas de intervenção para o trabalho com leitura e a escrita”. Nesse aspecto, o professor tem a função de mediar esse processo, ao propor desafios ao planejar atividades que o infante compreenda para que possa dominar as práticas de leitura e escrita por intermédio das práticas sociais, sendo que o professor é o estimular das práticas que devem ser exercidas na sala de aula, se deparando em alfabetizar a qualquer custo.

Portanto, compete ao educador encontrar essas ferramentas de aspectos interativos e sociais trabalhando a leitura e escrita, o foco da alfabetização, ou seja, alfabetizar no contexto do multiletramento.

3 ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO LETRAMENTO: DESAFIOS DAS PROFESSORAS DE 1º ANO DA EMEF PE. JOSÉ DE ANCHIETA, EM ITAITUBA-PA

3.1 METODOLOGIA DO ESTUDO

Como procedimento metodológico esta pesquisa foi desenvolvida em dois momentos. Primeiramente um levantamento bibliográfico dos autores que tratam da temática da alfabetização no contexto do letramento como: Bittencourt *et al* (2015), Soares (2004), Frade (2005), Rojo (2012), Brasil (2018) e Pará (2019), discutindo sobre desafios dos professores alfabetizadores com evidência nas práticas utilizadas pelos docentes.

Este estudo também utilizou em um segundo momento a pesquisa de campo, pois, permite que o entrevistado seja mais específico enquanto ao seu ponto de vista. Segundo Gil (2010, p. 02), “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Com intuito de buscar conhecimentos através da coleta de dados, sendo utilizadas em conjunto, com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas.

Para tanto, a produção das informações necessárias aconteceu por meio de questionário aplicado para as professoras que atuam no 1º ano do ensino fundamental, e ainda contando com a observação participante, objetivando analisar os desafios desses profissionais quanto ao processo de alfabetização e letramento e a adaptação das crianças de seis anos. A pesquisa ocorreu no período de 09 a 20 de dezembro de 2019, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pe. José de Anchieta, Itaituba–PA.

De acordo com Gil (2002, p. 117), “[...] para a realização de entrevistas em levantamentos deve considerar duas etapas fundamentais: a especificação dos dados que se pretendem obter e a escolha e formulação das perguntas”. Desse modo, percebe-se que a entrevista é uma estratégia para o levantamento de dados,

sendo um guia para obter o que deseja saber sobre o local pesquisado. A observação é uma forma de conhecer o ambiente pesquisado, o que também ajuda para um possível levantamento de uma problemática.

As professoras entrevistadas estão identificadas por P_1 e P_2 , onde P = Professoras. As duas docentes possuem graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia, sendo que uma possui vinte e três anos atuando na alfabetização das crianças, e a outra, quinze anos. As turmas onde ocorreu a pesquisa, tem em média de 20 a 25 alunos. O quadro 1 traz mais informações das colaboradoras desta pesquisa.

Quadro 1 - Perfil das entrevistadas.

Entrev.	Graduação Pós-Graduação	Métodos de alfabetização	Formas ideais para alfabetizar	Meios de atualização
P_1	Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia	Tradicional, analítico e sintético	Não há	Formações, pesquisas na área e troca de experiência com outras professoras.
P_2	Licenciatura em Pedagogia e Especialização em Estudos Culturais da Amazônia / Psicopedagogia Clínica e Institucional	Alfabético ou soletração, silábico, palavração e sentencição	Silábico-alfabético e fônico	Pesquisa nas redes sociais.

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Conforme a contribuição das docentes, relatando a respeito da atuação na alfabetização e letramento das crianças, percebe-se que ambas se preocupam com sua formação, onde buscaram aperfeiçoar seus conhecimentos, além, de possuírem graduação em Pedagogia e especialização, em que a P_1 possui pós-graduação em Psicopedagogia, e P_2 Estudos Culturais da Amazônia e Psicopedagogia Clínica e Institucional. P_1 respondeu que conhece os métodos tradicional, analítico e sintético, o mesmo acontecendo com a P_2 que identificou os métodos alfabéticos ou de soletração, silábico, palavração e sentencição.

Já na utilização dos métodos, P_1 destaca “existe várias maneiras sim, porém acredito que não há um específico, sendo necessário utilizar aqueles que se acha mais adequado ao público que atende”, e que usa os meios de informação, pesquisa na internet e troca de experiências com outros professores para se manter atualizado na área da educação.

Por outro lado, P₂ menciona que “utiliza os métodos de silabação e fônico”, com as crianças e se atualiza na área por meio das tecnologias e nas redes sociais. As duas professoras enfatizaram que a prática docente contribui para a formação, porém se faz necessário a formação continuada pelo fato do surgimento de novos métodos e avanços tecnológicos.

3.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta, situada na Avenida Manoel Alexandre, nº 852, foi inaugurada no dia 15 de dezembro de 1987, e suas atividades tiveram início no dia 03 de março de 1988. A referida escola foi resultado das reivindicações dos moradores da comunidade do bairro de Santo Antônio, onde a mesma já prestava serviço à comunidade, com o nome de Escola Vinte e Cinco de Março, comportando uma clientela de 560 alunos da escola, bem como objetivando atender os alunos de 1ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, uma vez que os mesmos eram obrigados a percorrer uma grande distância para chegar à escola mais próxima.

A figura 1 demonstra a frente da escola.



Figura 1- Frente da E.M.E.F Pe. José de Anchieta. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A missão da escola visa a educação integral do educando vista como possibilidade de se formar cidadãos críticos, criativos e participativos do meio em que vivem como sujeitos do seu próprio conhecimento, valorizando a cultura, a vida

na natureza, contribuindo em seu desenvolvimento pessoal e de sua comunidade. A filosofia da escola era, que a mesma tinha um papel importante na evolução do processo de aprendizagem de cada cidadão, já que sua função era orientá-lo e prepará-lo socialmente. A saber: “Educar com qualidade, integrando o educando à sociedade e consciente do exercício de sua cidadania.”

No ano de 2019, a mesma possuía 15 salas de aula e atendia a uma clientela de aproximadamente 1.206 alunos, divididas em três turnos no prédio da escola e uma turma no anexo – Escola Socorro Bentes Leite. A escola trabalhava com Ensino Fundamental I e II nos 1º e 2º turnos, e Educação de Jovens e Adultos (EJA), no 3º turno, sendo: 2 turmas de 1º ano, 2 turmas de 2º anos, 3 turmas de 3º anos, 2 turmas 4º anos, 2 turmas de 5º anos, 6 turmas de 6º anos, 4 turmas de 7º anos, 2 turmas de 8º anos, 1 turmas de 9º ano e 1 turma de 2º Etapa de Educação de Jovens e Adultos, 2 turmas de 3ª Etapas e 2 turmas de 4ª Etapas.

A Escola era composta por em média 60 professores, destes todos tinham graduação na área que atuavam em média 80% deles tinham especialização também na área de atuação, a grande maioria cumpria com seu papel, eram pessoas comprometidas com seu trabalho, em média 98 % eram efetivos.

Sua estrutura física contava com trezes salas de aula, biblioteca e sala de leitura, auditório, quadra poliesportiva, Sala de Recurso Multifuncional, cozinha, refeitório, banheiro, secretaria, almoxarifado, sala da gestão e coordenação pedagógica. Abaixo na figura 2 mostra o espaço da Biblioteca.



Figura 2 - Biblioteca. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A escola trabalha com projetos de intervenção, entre eles, está o projeto de leitura, organizado pela Professora Raimunda, voltado para os alunos do 3º ano. O projeto é realizado com a ajuda das alunas de 6º ao 9º ano, na qual auxiliava as professoras na leitura dos alunos com mais dificuldades, sendo efetivado na biblioteca da escola.

No ano de 2019, foi realizado projetos de intervenção feitos pelos residentes participantes do Programa Residência Pedagógica – PRP, voltado também para a leitura e escrita, entre eles: Alfabetização e Multiletramento, uma nova perspectiva de trabalhar atividades complementares com alunos com dificuldades no processo de alfabetização e Navegando entre Fábulas e Parlendas.

O primeiro foi executado com os alunos do 2º ano do ensino fundamental com a proposta de nivelar os alunos com dificuldades com os demais da turma, já o segundo teve como objetivo despertar o interesse pela a leitura e escrita das crianças do 3º do ensino fundamental, pois os alunos não apresentavam distorção idade-série.

Observou-se as salas de aula do 1º ano do ensino fundamental, eram ornamentadas com o alfabeto, calendário, relógio, símbolos matemáticos, numerais e cartazes de boas-vindas, das famílias silábicas e das palavras mágicas. Como em todas as escolas, sempre existem alunos com dificuldade e outros com facilidade de acompanhar os conteúdos programáticos. Percebeu-se também que as professoras procuram formas de ajudar os alunos que necessitam, assim, como a gestão escolar.

3.3 CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DAS PROFESSORAS

É de fundamental importância poder conhecer o cotidiano das turmas de 1º ano do ensino fundamental, uma vez que as crianças chegam nesse nível de ensino com o ar da Educação Infantil. Desse modo, sentiu-se a necessidade de investigar a temática da alfabetização e letramento a partir da observação e vivências nas turmas de 1º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pe. José de Anchieta.

Iniciando a entrevista com as professoras do 1º ano, perguntou-se na questão 1: **Qual sua concepção de Letramento? Há diferença de Alfabetização?** As respostas das entrevistadas estão demonstradas no quadro 2.

Quadro 2 - Concepções de Alfabetização e Letramento.

Prof ^a	Relato das professoras
P ₁	<i>“Letramento é a aprendizagem de forma ampla, ou seja, o entendimento do todo. Enquanto que alfabetização é o processo de ler e escrever”.</i>
P ₂	<i>“É o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever, já o letramento desenvolve o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

De acordo com o entendimento das professoras em relação a seus conhecimentos sobre letramento e se há diferença com termo alfabetização, pode-se analisar que as docentes destacam que o termo alfabetização refere-se à leitura e escrita, e o letramento à aprendizagem de forma ampla, ou seja, que existe diferença, porém, um complementa o outro.

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado (SOARES, 1998 *apud* ALBUQUERQUE, 2007, p. 18).

Nessa perspectiva, alfabetização e letramento são indissociáveis, pois ambos se completam e formatizam, logo, para que o docente cumpra com o seu papel de educador precisa-se equiparar dessas duas habilidades em seu ato pedagógico, tendo em vista, que o indivíduo necessita conhecer-se e se ver no mundo para que assim possa ter uma visão crítica da realidade.

É notória a necessidade de atividades lúdicas para a promoção do desenvolvimento do aluno no processo de letramento, desse modo, dando sequência, perguntou-se na questão 2: **No planejamento de aula, você utiliza a ludicidade (jogos, brinquedos e brincadeiras) como uma importante ferramenta para o letramento?** As respostas estão demonstradas no quadro 3.

Quadro 3 - Você contempla a ludicidade no seu planejamento?

Prof ^a	Relato das professoras
P ₁	<i>“Sim jogos, brincadeiras contribuem de forma significativa no processo do letramento, por trabalhar diferentes habilidades”.</i>
P ₂	<i>“Sim, a ludicidade é uma ferramenta metodológica de suma importância na utilização das atividades desenvolvidas”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Observa-se assim, que as professoras utilizam a ludicidade como uma importante ferramenta para letramento em suas aulas, por intermédio das brincadeiras e jogos. Por isso, é fundamental planejar as aulas que serão ministradas incluindo esses métodos que facilitam o ensino e aprendizagem do educando, principalmente quando se refere à leitura e escrita no ciclo de alfabetização.

[...] é importante valorizar e problematizar as vivências e experiências individuais e familiares trazidas pelos alunos, por meio do lúdico, de trocas, da escuta e de falas sensíveis, nos diversos ambientes educativos [...]. Essa abordagem privilegia o trabalho de campo, [...] de modo a potencializar descobertas e estimular o pensamento criativo e crítico [...] (BRASIL, 2018, p. 351).

As trocas de experiências contribuem para o desenvolvimento intelectual das crianças. Nesse sentido, pode aproximar o educando da realidade por meio das atividades lúdicas que oferece uma educação significativa, permitindo que amplie o campo criativo, imaginário e aprimore as interações pessoais e sociais. O ato de brincar permite que o infante transite entre a atividade física e mental favorecendo o desenvolvimento da linguagem corporal e escrita no processos de letramento.

A seguir, foi perguntado às docentes **se elas leem história da literatura infantil, a frequência com que leem e os livros mais utilizados**, na questão 3, sendo que o quadro 4 traz as respostas das professoras.

Quadro 4 - Com que frequência a literatura é utilizada no processo de letramento?

Prof ^a	Relato das professoras
P ₁	<i>“Com certeza, todos os dias. A literatura é a chave para o desenvolvimento do letramento. Utilizo livros diversos e do PNAIC, como: Jonas as cores, Meu bicho de estimação, Que bicho será que está no buraco, O sonho do ursinho rosa, etc.”.</i>
P ₂	<i>“Sim, todos os dias. Leio para os alunos: Bisa Bia Bisa Bel, Uma ideia todo azul, O menino maluquinho, Ou isto ou aquilo”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Ao analisar as respostas, é importante destacar que a leitura faz parte da rotina em sala de aula, utilizando assim livros da literatura infantil que chama a

atenção do aluno pela ilustração, personagens e o contexto da leitura. Percebe-se que ambas valorizam o hábito de ler para as crianças e desperta a imaginação.

A leitura diária na escola já vem sendo apontada como uma das estratégias mais eficazes para inserir os alunos no mundo da literatura, da mídia, do humor. Participando dessas situações, os alunos se familiarizam com variados gêneros textuais e ampliam seus repertórios de textos, o que pode levá-los a querer ter acesso a outros textos do mesmo gênero, ou do mesmo autor, ou do mesmo tema (LEAL, 2007, p. 78).

Assim de acordo com autor, o uso dessa prática em sala de aula pode ser um método eficaz para o despertar o gosto e interesse da leitura de textos literários por partes dos educandos. Dessa forma, expande o seu campo de conhecimento sobre os diversos textos e gêneros aprimorando sua capacidade de ler e escrever nos mais variados contextos sociais. Auxilia nas abordagens dos assuntos em sala de aula, para encorajar os alunos a responderem perguntas e socializar com os demais.

Prosseguindo com o roteiro, procurou-se saber na quarta questão: **Quais as estratégias (recursos metodológicos) são mais utilizadas por você na prática do letramento com os alunos do 1º ano?** As respostas das entrevistadas estão demonstradas no quadro 5.

Quadro 5 - Recursos metodológicos para a prática do letramento.

Profª	Relato das professoras
P ₁	<i>“Livro de história, livro didático, jogos pedagógicos, calendário, chamadinha, computador, caixinha de som”.</i>
P ₂	<i>“Quadro, livro didático, internet, material impresso, cola, tesoura, trabalho em grupo, aulas expositivas, recorte de jornais e revistas, tarefas diversas”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Pode-se verificar que as educadoras aplicam várias estratégias para o desenvolvimento do letramento, estimulando assim a aprendizagem significativa do aluno. Entre os recursos, percebeu-se que no cotidiano da sala de aula, está em destaque o livro didático, pois ambas enfatizam em suas respostas como o mais utilizado, servindo como auxílio nas aulas, conforme figura 3.



Figura 3 -Professora ministrando aula com auxílio do livro didático. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

As professoras utilizam o livro didático em suas aulas, que são enviados pelo Ministério da Educação, e realizam planejamento das aulas semanalmente na hora-atividade, utilizando os computadores e livros na sala dos professores. Os alunos que apresentavam mais interesse pela leitura, frequentemente iam na biblioteca local livros, por ser um local bastante agradável e propício para a leitura.

De acordo com Ferreira, Nörnberg e Alves (2017), os professores são responsáveis pela busca e estratégias para resolução de problemas do educando, executando um planejamento que visa o progresso de sua turma. O docente deve utilizar os materiais que tem ao seu alcance que devem contribuir para o ensino e aprendizagem tornando-a prazerosa e significativa. Também verificar o que deve ser alcançado, explorando recursos dada pela a escola e buscando outras formas para conduzir o ensino com metodologias que desenvolvam as habilidades.

A quinta questão trata da importância da diagnose para reconhecimento da turma no início do ano letivo. Então perguntou-se: **Que diagnóstico você faz de sua turma?** No quadro 6 estão descritas as respostas das professoras.

Quadro 6 - Você faz a diagnose da turma?

Prof ^a	Relato das professoras
P ₁	<i>“Levando em consideração que há estudantes que estão ingressando este ano na escola e alguns que mesmo já tendo frequentado a creche, apresentam ainda muitas dificuldades de aprendizagem. O diagnóstico é que ainda precisa ser feito muito para atingir os objetivos a serem alcançados”.</i>
P ₂	<i>“Razoável, preciso usar vários métodos para atingir meus objetivos como educadora”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Ao responder à pergunta, as professoras ressaltam que no início do ano letivo o ritmo de aprendizagem de alguns alunos é mais lento, precisando de uma atenção redobrada. Visto que, alguns alunos estão tendo pela a primeira vez acesso à escola, fazendo-se necessário a utilização de várias metodologias para que possam

atingir seus objetivos como educadoras, pois as crianças que vem da educação infantil precisam ampliar os conhecimentos ao dar início no ensino fundamental.

Assim, acreditamos que, através da atividade de planejar, podemos refletir sobre nossas decisões, considerando as habilidades e os conhecimentos prévios dos alunos, e podemos conduzir melhor a aula, prevendo dificuldades dos alunos, organizando o tempo de forma mais sistemática e avaliando os resultados obtidos (LEAL, 2007, p 76).

Nesse sentido, o autor considera que, para um bom andamento do fazer pedagógico necessita que o docente tenha uma organização em relação a sua metodologia e didática em sala de aula, para que assim obtenha um rendimento satisfatório. Além do que, terá um diagnóstico do aprendizado dos educandos o que permitirá refletir sobre sua ação e buscar estratégias na tentativa de sanar essas deficiências. Assim, o planejamento se faz imprescindível na função do docente que almeja ter sucesso na mediação do conhecimento aos alunos.

Dando continuidade, na questão 6 perguntou-se, **quais as dificuldades no processo de alfabetização e letramento com essa turma?** Em seus relatos, as professoras atuantes do 1º ano do ensino fundamental declaram que os desafios que mais se apresentam na ação alfabetizadora dizem respeito à falta de apoio das famílias no desenvolvimento escolar do filho e a insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los. Apontaram também pouco tempo disponível para muitas tarefas.

Observa-se assim, que o apoio da família e a insuficiência de recursos didáticos é um dos pontos que se destacam, quando trata das dificuldades no processo de alfabetização e letramento, já que as crianças necessitam de um acompanhamento da família para realizar as atividades propostas pela escola em que estão inseridas. Porém, a escola também tem a responsabilidade de disponibilizar recursos didáticos que auxiliam o educando no desenvolvimento de habilidades e competências.

Com isso, não estamos querendo minimizar a importância de se universalizar uma infraestrutura básica para o desenvolvimento do ensino em todo o País. De fato, a maioria de alunos do ensino fundamental ainda é atendida em escolas com recursos escassos ou, em muitos casos, inexistentes. (FREITAS, 2007, p. 14).

Uma das problemáticas mais recorrentes no ambiente escolar se dá pela ausência da família no processo de aprendizado dos filhos, tendo em vista que, para

bom rendimento escolar essa parceria deve ser conjunta e não somente a escola se responsabilizar nesse procedimento educativo. Vale ressaltar, que a falta de infraestrutura e escassez de recursos didáticos nas escolas reflete sobre mau rendimento escolar, devido a isso se dá um atraso na educação e disparidade na idade-série.

A sétima questão perguntou: **Você utiliza diferentes gêneros textuais com sua turma?** Os relatos das professoras estão demonstrados no quadro 7.

Quadro 7 - Utilização de textos diferenciados no processo de alfabetização e letramento.

Prof ^a	Relato das professoras
P ₁	<i>“Todos os gêneros previstos no planejamento e que estão de acordo com a série e o livro didático. (Conto, história em quadrinhos, parlendas, poemas etc)”.</i>
P ₂	<i>“Sim expositivo, descritivo e argumentativo”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Através das respostas das educadoras, observa-se que elas fazem uso de diversos tipos de gêneros textuais de acordo com série-idade. Deixando os alunos conhecerem os tipos que existem em relação ao gênero textual, de forma que possam se identificar com os que mais chamam atenção, tornando a leitura prazerosa e não como obrigação.

O melhor argumento, no entanto, para realizarmos atividades permanentes de leitura de textos é a construção de uma identidade leitora, em que diferentes finalidades de leitura constituam práticas permanentes desses alunos, incluindo-se, aí, as práticas de leitura para fruição, para deleite. O fundamental é que os alunos gostem/queiram ler cada vez mais (LEAL, 2007, p. 79).

Percebe-se que, os gêneros textuais agregam na prática da alfabetização e letramento dos discentes, enriquecendo seu vocabulário ao entrar em contato com os diversos gêneros. A figura 4 demonstra a professora com a turma em atividades de leitura textuais.



Figura 4. Professora ministrando aula com atividades feitas em grupo. Fonte: Dados da pesquisa (2019).

À medida que educando se depara com diversos tipos de textos, ele se percebe leitor, e dessa forma, consegue aprimorar seu campo de leitura e identifica-se com algum gênero textual. O professor deve despertar esse prazer na vida do aluno para que ele desenvolva a leitura de mundo no decorrer de sua alfabetização.

Dando sequência ao roteiro de entrevista, foi feita a pergunta 8: **Como é sua rotina escolar na prática do letramento. Poderia relatar um dia de aula?** No quadro 8 pode-se encontrar as respostas das entrevistadas.

Quadro 8 - Rotina escolar na prática do letramento.

Prof ^a	Relato das professoras
P ₁	<i>“Começo com boas vindas, oração, música, calendário, leitura de história (livros). Conversas sobre o assunto da aula do dia, em seguida atividade no quadro depois tarefa xerocada ou no livro didático”.</i>
P ₂	<i>“Leitura de um texto infantil, perguntas sobre o que foi lido, atividades em grupo e leitura individual”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Analisando os relatos das professoras, percebe-se que a rotina escolar é uma forma de organizar o trabalho que será feito na sala de aula, sendo indispensável para um bom desenvolvimento da aula, em que cada etapa programada é importante na prática do letramento, pois a interação professor-aluno é fundamental no desenvolvimento do ensino aprendizagem.

Dessa forma, Moysés (1994, p. 73) enfatiza que, “[...] estabelecer regras e criar rotinas desde os primeiros dias de aula. Isso é feito na certeza de que um trabalho intelectual exige um mínimo de ordem para ser proveitoso”. Portanto, o planejamento de uma rotina se faz necessário para o fazer pedagógico do docente, dando todo o suporte para que tenha uma visão do que precisa ser melhorado em sua atuação como professor, além do que, viabiliza a aquisição do conhecimento do educando.

A próxima questão, trata-se **sobre a oralidade dos alunos em sala de aula** e a forma que é trabalhada. No quadro 9 encontra-se as falas das professoras alfabetizadoras.

Quadro 9 - Como é trabalhada a oralidade do educando?

Prof ^a	Relato das professoras
P ₁	<i>“Através de reconto de histórias lidas, músicas, jogos e brincadeiras que os estudantes conhecem. É importante para o desenvolvimento cognitivo”.</i>
P ₂	<i>“Através de leituras de diversos textos”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Percebe-se pelo relato das docentes, que elas estimulam a oralidade com as crianças, por meio de textos, que influenciam não somente na oralidade, mas também no desenvolvimento cognitivo do aluno, induzindo a oralidade através de atividades diversificadas no cotidiano escolar. Sendo o lúdico uma ferramenta que auxilia nesse processo contínuo de formação.

Desse modo, a oralidade possibilita o desenvolvimento e o desencadeamento de comportamento e atitudes, no qual o educando faz e se arisca no compreender dando voz e vez ao outro, oportunizando a empatia com o semelhante (BRASIL, 2018). Para que se tenha esse ganho no seu fazer pedagógico, o docente utiliza recursos midiáticos verbo-visuais que seja autêntico e significativo no processo de aquisição da oralidade do educando.

Finalizando o questionário, ressalta-se a participação em curso de formação continuada com o foco em alfabetização e letramento, e se eles contribuíram para melhorar a prática docente na questão 10: **Já participou de cursos de formação continuada com foco em alfabetização e letramento nos últimos dois anos? Esses cursos contribuíram para melhorar a sua prática docente?** As respostas das entrevistadas estão demonstradas no quadro 10.

Quadro 10 - Contribuição da formação continuada.

Prof ^a	Relato das professoras
P ₁	<i>“Já participei de cursos referente a alfabetização e letramento desde que comecei a trabalhar com essa modalidade, o último foi o (PNAIC) com certeza é daí que exerço minha prática”.</i>
P ₂	<i>“Não, faz tempo que participei, mas sempre pesquiso sobre o assunto”.</i>

Fonte: Professoras do 1º Ano - EMEF Pe. José de Anchieta, Itaituba-PA (2019).

Ao analisar as respostas das professoras, destaca-se que é de fundamental importância a formação continuada e está sempre atualizada pesquisando sobre o assunto da alfabetização e letramento, pois busca aprimorar a prática do docente para um bom desenvolvimento de seu trabalho, logo, conhecendo os novos métodos de alfabetização tornando suas atividades enriquecedora.

Considerando todos os aspectos mencionados, compreende-se que, o objetivo de “qualquer programa de formação deve ser proporcionar ao professor saberes que lhe permitam buscar, por meios próprios, caminhos que auxiliem o seu desenvolvimento profissional” (BRASIL, 2015, p. 07). Percebe-se, desse modo, a necessidade dessa formação para que o professor reflita sobre sua própria prática, levando em consideração a alfabetização de crianças nos contextos sociais para que ao fim do ciclo, obtenham o domínio da leitura e escrita de forma autônoma.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A adesão ao Programa Residência Pedagógica – PRP, cadastrado por meio de currículo na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, foi uma oportunidade dos acadêmicos da Faculdade de Itaituba conhecer o futuro campo de trabalho.

O PRP tem como objetivo aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura (Letras, Pedagogia e Ciências Biológicas) por meio de desenvolvimentos de projetos, desse modo, fortalecendo o campo da prática pedagógica. Era assessorado por um professor da Instituição de Ensino Superior – IES, chamado de docente orientador e por uma professora da escola-campo denominada de preceptora, que conduzia o acadêmico relacionar teoria e prática.

Inicialmente foi realizado um curso preparatório por meio de palestras e oficinas multidisciplinar, para depois a inserção do acadêmico na escola-campo, o primeiro passo do programa. Após ocorreu a ambientação para observação dos espaços da escola-campo, e foram feitas entrevistas com intuito de analisar a funcionalidade de cada setor tanto na questão interpessoal e intrapessoal.

Em outro momento foi realizado observação, co-regência e regência em sala de aula, podendo relacionar a teoria com a prática pedagógica estudadas na graduação, deste modo, conhecendo a problemática da turma para poder executar o

projeto de intervenção que atendesse a necessidade dos alunos, no caso 1º ano do ensino fundamental, aquele momento.

Foi executado um projeto de intervenção com o título “A prática da alfabetização no contexto do multiletramento”, desenvolvido com alunos do 1º ano do ensino fundamental, com objetivo desenvolver a prática da leitura e da escrita utilizando diversos materiais didáticos, para reconhecimento de vários gêneros textuais presente no cotidiano dos alunos.

Na primeira etapa foi apresentado os gêneros textuais da vida cotidiana, em seguida, gêneros textuais artístico-literário e na terceira fase foi construído uma história com os alunos, tendo como referência a BNCC.

Primeira etapa do projeto foi abordada sobre o gênero textual da vida cotidiana: agenda, listas, bilhetes, recados, avisos e convites, cartas (e-mail, correspondência comercial, carta pessoal), cardápio da merenda escolar e enviado pelo whatsapp, diário pessoal, bordo, viagens, os blogs (diários virtuais) e receitas, regras de brincadeiras e jogos, conforme figura 5 que demonstra os alunos na construção de seus conhecimentos.



Figura 5 - Alunos socializando através dos livros de receita. Fonte: Acervo pessoal (2019).

Segunda etapa do projeto temática sobre gênero textual artístico-literário lendas e mitos relacionados à Amazônia, canção, poemas, poemas visuais, fábulas,

contos, crônicas, cordéis, quadrinhos, tirinhas, trava-língua. Finalizando com a criação de um conto, os alunos sempre participativos e atentos na construção da história, sendo um momento prazeroso em que os estudantes deixavam a imaginação fluir, de acordo com a figura 6.



Figura 6 - Ilustração do conto produzido. Fonte: Acervo pessoal (2019).

Portanto, o processo de alfabetização significa estritamente o ato de ler e escrever, devendo ser conciliado com o letramento que se refere ao uso social da escrita e da leitura.

O projeto teve uma resposta positiva, ao perceber que os alunos se identificaram com os gêneros presentes em seu cotidiano, que muitas vezes passam despercebidos por eles, e quem vêm somar para a compreensão dos conteúdos ministrados pela professora, ajudando-os nessa fase de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso abordou sobre a alfabetização no contexto do letramento, ressaltando a importância para que os alunos sejam alfabetizados na idade certa. E a relevância da organização de ciclo de aprendizagem, em busca do êxito escolar, pois a proposta da Base Comum Curricular antecipou a alfabetização dos alunos para o 2º ano do ensino fundamental, sendo uma das metas que pretende-se alcançar nos anos iniciais em todo o Brasil.

Ler e escrever no contexto das práticas sociais é o que pretende ser alcançado na alfabetização das crianças, tornando uma aprendizagem significativa. Já que o ato de alfabetizar e letrar são inseparáveis, não basta decodificar e codificar as palavras para compreender um texto, necessita-se também de uma leitura da realidade para poder ser compreendido um contexto, trazendo significância no ato de ler e escrever. Desse modo desenvolvendo as habilidades e competências exigidas no processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

Diante dessa realidade, percebe-se que ler e compreender são duas competências diferentes, logo, a criança pode ou não possuir essa habilidade no decorrer da sua escolarização, depende de o professor proporcionar metodologias e didáticas que assegurem essa aprendizagem. Visto que, quando a leitura não é compreendida não vai existir motivação para tal ato, para uma criança ser tornar leitora é necessário compreender, assim, o ato se torna prazeroso e o gosto pela leitura flui naturalmente.

Cabe ressaltar que existem diversos métodos de alfabetização que os professores podem usar com seu público alvo, e uma multiplicidade cultural e

semiótica para ajudar a desenvolver os métodos que os alunos necessitam para serem alfabetizados, porém, o ato de alfabetizar é desafiador o docente precisa sempre está atualizado e refletir sobre sua prática. Necessitando de uma formação que auxilie nesse processo, pois quando se trata de tecnologia percebe-se que o professor apresenta dificuldades ao utilizá-las no letramento das crianças.

Os professores tentam desenvolver as habilidades e competências exigidas para formação do educando, nota-se que precisa ser melhorada as formas de abordagens dos conteúdos didáticos. Dado que, o aluno vem sem a base da educação infantil, já que no ensino fundamental deve ser ampliada, essa é um dos entraves recorrente, e também existem alunos com dificuldades de aprendizagem que não tem um suporte em casa para poder ajudar no seu ensino.

Outras vezes o professor não está preparado para lidar com essas situações por isso há a necessidade de formação continuada para auxiliar o docente a desenvolver as habilidades e competências com sua turma.

No contexto da pesquisa realizada, constata-se que os professores não se sentem preparados para alfabetizar e letrar os alunos de 1º ano, devido as mudanças que ocorreram no currículo da educação, necessitando de uma formação que auxilie nesse processo de alfabetização e letramentos.

Para tanto, verifica-se que as educadoras utilizam diferentes estratégias para desenvolver o letramento, entre eles: o livro didático, leitura de livros da literatura infantil, música e jogos pedagógicos, o que estimula a aprendizagem significativa das crianças, sendo que o livro didático e o recurso mais utilizado.

A dificuldade que se apresenta ao professor alfabetizador é a ausência da família na escola para auxiliar nas atividades que são propostas pela professora e a insuficiência de recursos didáticos, pois os mesmos auxiliam no desenvolvimento do letramento das crianças para que o fazer pedagógico seja de qualidade e alcance o resultado esperado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana B. Correia de. Conceituando alfabetização e letramento. (pp. 11-22) In: SANTOS, Carmi F.; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ALBUQUERQUE; Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (orgs.). **Formação continuada de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Mec/Secretaria de Educação, 2018. 466 p.

_____. **Documento Curricular do Estado do Pará**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Secretaria de Estado de Educação do Pará, 2019. 462 p.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: Linha de Base. Brasília, DF: Inep, 2015. 404 p.

_____. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

_____. Lei Nº 13.005, de 25 de Junho de 2014. **Plano Nacional de Educação – PNE**. Brasília, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 03 jan. 2020.

_____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização. Caderno de Apresentação. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2015. 76 p.

_____. **Parecer CNE/CEB Nº: 4/2008**. Orientação sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos. MEC, SEB. Brasília, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb004_08.pdf. Acesso em: 01 out. 2019.

_____. **Parecer CNE/CEB Nº: 12/2010.** Diretrizes Operacionais para a matrícula no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. CNE, CEB. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?>. Acesso em: 01 out. 2019.

_____. **Pró-Letramento:** Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 364 p.

_____. **Resolução CNE/CP Nº 2, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2017.** MEC, CNE Conselho Pleno. Brasília, 2017. Disp. em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/pdf>. Acesso em: 01 out. 2019. 12 p.

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar; CARVALHO, Rodrigo Saballa de; JUHAS, Sílvia; SCHWARTZ, Suzana. **A compreensão leitora nos anos iniciais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 175 p.

BORTOLANZA, Ana M. Esteves; GOULART, Ilsa do C. Vieira; CABRAL, Giovanna Rodrigues. Diferentes perspectivas de alfabetização a partir da Base Nacional Comum Curricular: concepções e desafios. **Ensino Em Re-Vista.** Uberlândia, MG. v.25, n. Especial, p. 958-983, 2018.

COSTA, Vera Lucia. O professor de matemática como agente de letramento. (pp. 81-108) In: SENNA, Luiz Antonio Gomes. **Letramento:** princípios e processos. Curitiba: Ibpex, 2009.

COUTO, Francisca Alves de Medeiros; OLIVEIRA, Marcos Nonato de. O Uso das TIC na Sala de Aula: Experiências de Formação com Professores da Escola Pública. (pp. 279-286) In: LIMA, Ana Maria Pereira; GOMES, João Bosco Figueiredo; SOUZA, José Marcos Rosendo de (orgs.). **Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 297p.

DIAS, Anair Valênia Martins. Hipercontos multissemióticos: para a produção dos multiletramentos. (pp. 95-122) In: ROJO, Roxane Helena, MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264 p.

DIAS, Anair Valênia Martins; MORAIS, Cláudia Goulart; PIMENTA, Viviane Raposa; SILVA, Walleska Bernardino. Minicontos multimodais: reescrevendo imagens cotidianas. (pp. 75-94) In: ROJO, Roxane Helena, MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

GOULART, Cecília. Letra viva: práticas de leitura e escrita. In: Ministério da Educação. **Letra viva:** práticas de leitura e escrita. Boletim 09, 2006.

FERREIRA, Carmen R. G.; NÖRNBERG, Marta; ALVES, Antônio M. M. **Práticas de formação e de ensino no ciclo de alfabetização:** relatos de experiências de orientadoras de estudo do PNAIC-UFPEL: v. 3. Porto Alegre: Evangraf, 2017. 216 p.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 102 p.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. 72 p.

FRANGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. 144 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245 p.

FREITAS, Alexandre Simão de. Os desafios da formação de professores no século XXI: competências e solidariedade. (pp. 11-29). In: FERREIRA, Andrea Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana B. C; LEAL, Telma Ferraz. **Formação continuada de professores** (org.s) . 1 ed., 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Ciclos, seriação e avaliação: confrontos de lógicas**. São Paulo: Moderna, 2003. 96 p.

LANDIM, Márcia Regina Melchior. **Compreensão leitora: possibilidades de avaliação ao término do ciclo de alfabetização**. 2017. 181 p. Dissertação (Mestrado). Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, Santa Cruz do Sul, 2017.

LEAL, Telma Ferraz. Organização do trabalho escolar e letramento. (pp. 73-94). In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LIMA, Frederico Ricardo de Medeiros. Alfabetização, complexidade e sujeito ecológico. (pp. 209-219). In: BRANQUINHO, Fátima; FELZENSZWALB, Israel (org.). **Meio ambiente: experiências em pesquisa multidisciplinar e formação de pesquisadores**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em: 19 nov. 2019.

LORENZI, Gislaine Corrê; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley. Blog nos anos iniciais do fundamental I: a reconstrução de sentido de um clássico infantil. (pp. 35-54) In: ROJO, Roxane Helena, MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MACIEL, Francisca I. Pereira; LÚCIO, Iara Silva. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática. In: CASTANHEIRA, M. Lúcia; MACIEL, Francisca I. P.; MATINS, Raquel M. F. (orgs.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?> Acesso em: 30 nov. 2019.

MELO, Edsônia de S. Oliveira; OLIVEIRA, Paulo W. M. de; VALEZI, Sueli C. Lemes. Gêneros poéticos em interface com gêneros multimodais. (pp. 147-164) In: ROJO, Roxane Helena, MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MIGUEL, Ely A.; FERREIRA, Jefferson; CAMPOS, Jucelina F. de; LEMES, Lezinete R.; BENEVIDES, Loredir R.; SANTOS, Shirlei N. dos. As múltiplas faces do Brasil em curta metragem: a construção do protagonismo juvenil. (pp. 211-232) In: ROJO, Roxane H., MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MENDONÇA, Márcia. Gêneros: por onde anda o letramento? (pp. 37-56) In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização possível: reinventando o ensino e o aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1996. 195 p.

MORAIS, Artur G. de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização? (pp. 29-46). In: MORAIS, Artur G.; ALBUQUERQUE, Eliana B. C. de; LEAL, Telma F. (orgs.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORTATTI, Maria do R. Longo. **Educação e letramento**. SP: UNESP, 2004. 136p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=>. Acesso em: 29 nov. 2019.

_____. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Conferência. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. SEB. MEC, Brasília, 2006. 16 p.

MOYSÉS, Lúcia M. **O desafio de saber ensinar**. Campinas, SP: Papirus; Niterói; Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994. 140 p.

OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de; SZUNDY, Paula Tatianne Carréra. Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, 9 (2): 184-205, Ago./Dez. 2014.

ROJO, Roxane Helena. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagem na escola. (pp. 11-32) In: ROJO, Roxane Helena, MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

RUSSO, Maria de Fatima. **Alfabetização: um processo em construção**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2012. 287p.

SANTOS, Carmi Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetizar letrando. (pp. 95-110) In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANTOS, Carmi Ferraz. Alfabetização e escolarização: a instituição do letramento escolar. (pp. 23-36) In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia (orgs.). **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCHAFASCHECK, Rosicler; SCHMIDT, Leonete Luzia. A formação do professor alfabetizador no PNAIC: reflexões sobre as concepções de alfabetização. (pp. 19-40). In: SCHMIDT, Leonete L.; AGUIAR, Letícia C. (orgs.). **Alfabetização: uma**

etapa e muitas questões. 2. ed. Araraquara - SP: Junqueira & Marin, 2018.
Disponível em: <https://books.google.com.br/books?> Acesso em: 13 out. 2019.

SILVA, Leila Cristina Borges da. **Práticas de leitura na infância:** imagens e representações. Campinas: SP: Autores Associados, 2008. 147 p.

SILVA, Tainan Santana da; SOUZA, Marília Costa de. Os Gêneros Multimodais no Livro Didático de Língua Portuguesa: Ensino Híbrido à Luz dos Multiletramentos. (pp. 216-222). In: LIMA, Ana Maria Pereira; GOMES, João Bosco Figueiredo; SOUZA, José Marcos Rosendo de (orgs.). **Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação.** n. 25, pp.5-17, 2004.

TEBEROSKY, Ana; RIBERA, Núria. Contexto de alfabetização na aula. (pp. 55-70) In: TEBEROSKY, Ana; GALLART, Marta Soler. **Contextos de alfabetização inicial.** Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em: 24 nov. 2019.

TEIXEIRA, Adriana; LITRON, Fernanda Félix. O maguebeat nas aulas de português: videoclipes e movimento cultural em rede. (pp. 165-180) In: ROJO, Roxane Helena, MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

APÊNDICE A - ENTREVISTA AOS PROFESSORES DO 1º ANO

FAI – FACULDADE DE ITAITUBA
ACADÊMICA: NALYANE LEITE RAMOS

*Prezado (a) Professor (a), sou acadêmica de Pedagogia, e conto com a sua participação nesta pesquisa que tem como objetivo realizar um estudo (monografia de graduação) sobre as práticas de Letramento no 1º ano para apresentação neste semestre 2020.1. O objetivo da pesquisa é **analisar como acontece a prática da alfabetização no contexto do letramento e os desafios dos professores de 1º ano do EF**. Agradeço a participação nessa pesquisa.*

I. IDENTIFICAÇÃO:

- a) Graduação: _____
- b) Pós-Graduação: _____
- c) Tempo que atua no letramento/alfabetização de crianças: _____ anos.
- d) Número de alunos na turma: _____ alunos.
- e) Em sua opinião, o tempo de prática docente contribui para a formação ou é importante também uma proposta de formação continuada no ambiente de trabalho, principalmente, nos anos iniciais do ensino fundamental?
- _____
- _____
- _____
- f) Que métodos de alfabetização você conhece?
- _____
- _____
- g) Em sua opinião, existem maneiras ideais para alfabetizar? Você tem um método específico para alfabetizar?
- _____
- _____
- _____
- h) Quais são os meios que utiliza para se informar (se atualizar) sobre a sua área de atuação na escola?

II. PRÁTICA DOCENTE:

1. Qual sua concepção de Letramento? Há diferença de Alfabetização?

2. No planejamento de aula, você utiliza a ludicidade (jogos, brinquedos e brincadeiras) como uma importante ferramenta para o letramento?

3. Você costuma ler para seus alunos histórias da Literatura Infantil? Com que frequência? Poderia citar os livros?

4. Quais as estratégias (recursos metodológicos) são mais utilizadas por você na prática do letramento com os alunos do 1º ano?

5. Que diagnóstico você faz de sua turma neste início de ano?

6. Em sua turma, quais as dificuldades no processo de alfabetização e letramento com essa turma? Assinale mais de uma alternativa, caso necessário.

- () Pouco tempo disponível.
- () Falta de cursos de capacitação.
- () Turma com muitos alunos.
- () Falta de apoio das famílias.
- () Ausência de livros didáticos ou insuficientes.
- () Insuficiência de recursos didáticos ou materiais para prepará-los.
- () Outros: _____

7. Você utiliza diferentes gêneros textuais com sua turma?

8. Como é sua rotina escolar na prática do letramento. Poderia relatar um dia de aula?

9. Como é trabalhada a oralidade dos alunos?

10. Já participou de cursos de formação continuada com foco em alfabetização e letramento nos últimos dois anos? Esses cursos contribuíram para melhorar a sua prática docente?
